



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**As Relações entre o rural e o urbano: um Espaço  
conjunto e indissociável em Vitória de Santo Antão - PE**

***Maria Rita Ivo de Melo Machado***

**Machado, Maria Rita Ivo de Melo**

**As relações entre o rural e o urbano: um espaço conjunto e indissociável em Vitória de Santo Antão - PE. – Recife: O Autor, 2007.**

**131 folhas : il., fotos, tab., mapas.**

**Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Geografia. Recife, 2007.**

**Inclui: bibliografia e anexos**

**1. Geografia rural. 2. inter-relações e espaço. 3. Espaço urbano. 4. Espaço rural. 5. Pernambuco - Vitória de Santo Antão. I. Título.**

**911.3  
910**

**CDU (2.  
ed.)  
CDD (22. ed.)**

**UFPE  
BCFCH2007/18**

---

**MARIA RITA IVO DE MELO MACHADO**

---

**As Relações entre o rural e o urbano: um Espaço  
conjunto e indissociável em Vitória de Santo Antão - PE**

**Dissertação de mestrado  
apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Geografia pela  
Universidade Federal de  
Pernambuco, para obtenção do título  
de Mestre em Geografia.**

**Orientador: Prof. Manoel Correia de Oliveira Andrade**

**RECIFE  
MARÇO DE 2007**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS –DCG  
CURSO DE MESTRADO EM GEOGRAFIA –CMG

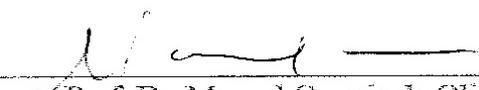
MARIA RITA IVO DE MELO MACHADO

**Título: “AS RELAÇÕES ENTRE O RURAL E O URBANO: UM ESPAÇO  
CONJUNTO E INDISSOCIÁVEL EM VITÓRIA DE SANTO ANTÃO-PE”**

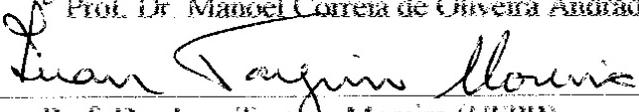
**BANCA EXAMINADORA**

**TITULARES:**

Orientador:

  
Prof. Dr. Manoel Correia de Oliveira Andrade (UFPE)

1º. Examinador:

  
Prof. Dr. Ivan Targino Moreira (UFPB)

2º. Examinador:

  
Profa. Dra. Edvânia Torres Aguiar Gomes (UFPE)

APROVADA em 30 de março de 2007.

RCMS

## DEDICÁTÓRIA

---

**Ao meu pai (*in memoriam*)  
e a minha mãe que me dão  
sempre todo o apoio de que  
necessito e são meus  
exemplos de vida.**

## AGRADECIMENTOS

---

Ao meu orientador Manoel Correia de Andrade, que está sempre me incentivando a novas empreitadas e me dando liberdade e plena confiança para realizá-las.

À minha querida professora Thais Lourdes Correia de Andrade que desde o início da minha graduação me ajudou nas minhas pesquisas não só no sentido acadêmico mas também com o seu carinho e a sua atenção.

À professora Edvânia Torres que me iniciou no Programa de Educação Tutorial, - PET - à prática da pesquisa.

Ao super-eficiente secretário do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Antônio Carlos Duprat, pela disposição em ajuda sempre.

Aos meus cicerones em Vitória de Santo Antão Jaelson Souza e Érica Themistocles.

Aos meus companheiros da Cátedra Gilberto Freyre: Luciane, Danilo, Pricila, Lúcia, Natália e Cecília.

Ao meu Amigo historiador Rafael Diniz que sempre me incentivou e teve uma participação ativa na elaboração da minha dissertação.

A minha grande amiga Gabriela Monteiro que também me ajudou muito minha caminhada para a conclusão da minha dissertação.

Aos meus queridos irmãos Leonardo e Guilherme.

E por fim, ao meu noivo, Bruno Becker que me deu durante esse período muito incentivo, fazendo com que eu não desistisse dos meus projetos, tendo sempre muita paciência e compreensão pelos dias de ausência.

A todos o meu agradecimento

“Pouco além do caos, talvez no primeiro dia da criação, tenho um mundo de idéias que se chocam, se entrecruzam e, às vezes, se organizam.” (**Che Guevara**).

## RESUMO

O espaço rural vem passando por um conjunto de mudanças que vêm impactando as suas funções e pondo em dúvida o seu conteúdo social. Uma das causas dessas mudanças é a estreita relação que vem se estabelecendo entre o campo e a cidade nas últimas décadas e a agregação de algumas atividades rurais que antes eram tipicamente urbanas. O município de Vitória de Santo Antão é um palco interessante e mostra o estreitamento da relação entre esses dois lugares e a formação de um Espaço heterogêneo, interdependente, porém articulado e unido.

Uma das explicações para tal conteúdo é a formação histórica da município, estabelecida desde o princípio com uma base agrícola muito forte na pequena produção agrícola, mas dividindo espaço com o latifúndio da cana-de-açúcar - voltado especialmente para a produção de aguardente – e em determinados momentos com o algodão. Apesar da tentativa do avanço do açúcar sobre as pequenas produções devido ao desenvolvimento das tecnologias agrícolas, o movimento camponês conseguiu resistir através das Ligas Camponesas - marco da luta dos trabalhadores rurais no Brasil.

Hoje, a pequena produção agrícola no município tem como principal característica o caráter comercial da produção, condição que possibilitou a esses produtores terem uma renda média mensal superior a da maioria dos habitantes do município. Estruturando uma situação social favorável, fazendo com que estes produtores comprem parte dos seus mantimentos e busquem determinados serviços no núcleo urbano do município, favorecendo economicamente essa área e formando um Espaço conjunto e indissociável dos sistemas de objetos, ponto principal a ser analisado nesta dissertação.

**Palavras-chave:** Vitória de Santo Antão; Rural; Urbano; Inter-relações e Espaço.

## ABSTRACT

The rural space has passed through some changes which has been impacting its functions and questioning its social content. One of the many causes of these changes is the close relation which has been established in the last decades between the country and the city, and the gathering of some rural activities which used to be typically urban. The city of Vitória de Santo Antão, is an interesting stage, which shows the close relation between these two places, and the formation of an heterogeneous space, interdependent, however, united and articulated.

One of the many explanations to its content is the city's historical formation, established since its very beginning, with a very strong agriculturist base in the small agriculture production, but, sharing the space with the sugar cane large state - specifically aiming the production of bourbon water - and in some other moments with the cotton production. Despite the attempt of the advance of the sugar cane culture over the small productions, due to the development of the agricultural technologies, the peasant movement resisted through the peasants leagues - mark of the rural working class struggle in Brazil.

Nowadays, the small agricultural production in the city, has as its main characteristic, a commercial character of its production, a condition that made possible producers to have a monthly average income higher than most of the inhabitants of the city. Structuring a favorable social situation, making these producers buy part its provisions and search certain services in the urban core of the city, favoring economically this area and creating a united space and indissociable from the objects system, main point to be analysed in these thesis.

**Keywords:** Vitória de Santo Antão, Rural, Urban, Inter-relation and Space.

## SUMÁRIO

**RESUMO**  
**ABSTRACT**

**LISTA DE SIGLAS**  
**LISTA DE FOTOGRAFIAS**  
**LISTA DE MAPAS**  
**LISTA DE TABELAS**

### **INTRODUÇÃO**

<b>1. Espaço, Geografia e Sociedade</b>	<b>21</b>
1.1 A Importância do Conceito de Espaço na Geografia	21
1.2 O Conceito Contemporâneo de Espaço	24
1.3 A Unicidade do Espaço	27
<b>2. A Formação e Ocupação de Vitória de Santo Antão</b>	<b>31</b>
2.1 A Cidade de Braga e Suas Atividades Econômicas	34
2.2 Santo Antão da Mata e a Abertura de Estradas	42
<b>3. A Pequena Produção Agrícola, o Engenho Galiléia e as Ligas Camponesas</b>	<b>52</b>
3.1 O Papel das Ligas Camponesas na Manutenção da Pequena Produção Agrícola	53
3.2 Apesar da Luta a Predominância do Latifúndio	60
3.3 A Atual Configuração da Pequena Produção Agrícola no Município	63
<b>4. A Conceituação de Rural e Urbano e as Suas Relações</b>	<b>73</b>
4.1 A Conceituação Geográfica de Urbano e o Urbano em Vitória de Santo Antão	82
4.2 O Rural em Vitória de Santo Antão	92

**4.3 A Relação Entre o Espaço Rural e o Urbano no 99  
Município de Vitória de Santo Antão**

**CONSIDERAÇÕES FINAIS** 106

**BIBLIOGRAFIA** 110

**ANEXO**

## **LISTA DE SIGLAS**

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

FAINTVISA - Faculdades Integradas de Vitória de Santo Antão

FACOL - Faculdade Osman da Costa Lins

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

CPT - Comissão da Pastoral da Terra

FETAPE - Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Pernambuco

CONDEPE - Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco

PCB - Partido Socialista Brasileiro

SAPPP - Sociedade Agrícola e Pecuária de Plantadores de Pernambuco

PSB - Partido Socialista Brasileiro

SUDENE - Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste

FIDEM - Fundação de Desenvolvimento Municipal

PEA - População Economicamente Ativa

RMR – Região metropolitana do Recife

OCDE - Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico

CIM - Centro de Informações Municipais

SEPLANDES - Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Social

NEAD - Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural

**ALEPE – Assembléia Legislativa de Pernambuco**

## **LISTA DE FOTOGRAFIAS**

Fotografia 01 – Granja Santo Ivo, na PE – 45.

Fotografia 02 – Estação Ferroviária de Vitória de Santo Antão.

Fotografia 03 – Trilhos da Antiga Linha Recife – Caruaru.

Fotografia 04 – Francisco Julião e Josué de Castro no Engenho Galiléia.

Fotografia 05 – Vista Parcial da Área de Natuba.

Fotografia 06 – Vista Aérea de Natuba.

Fotografia 07 – Residências e Pequena Produção Agrícola no Galiléia.

Fotografia 08 – Área do Antigo Engenho Galiléia.

Fotografia 09 – Difícil Acesso ao Posto de Saúde Localizado no Antigo Engenho Galiléia.

Fotografia 10 – Vista Parcial da Vila de Natuba.

Fotografia 11 – Vista da Avenida Mariana Amália.

Fotografia 12 – Calçada Obstruída da Avenida Mariana Amália.

Fotografia 13 – Topografia Acidentada de um Bairro Pobre do Município.

Fotografia 14 – Engenho Bento Velho.

## **LISTA DE MAPAS**

Mapa 01 - Localização do Município de Vitória de Santo Antão.

Mapa 02 – Uso e Ocupação do Solo de Vitória de Santo Antão.

Mapa 03 – Rede Rodoviária do Município de Vitória de Santo Antão e Município adjacentes.

Mapa 04 – Antigo e Novo Traçado de BR – 323.

Mapa 05 – Uso e ocupação do solo da bacia do Tapacurá.

## **LISTA DE TABELA**

Tabela 01 – Imóveis Rurais

Tabela 02 - Quantidade produzida por Culturas Agrícolas.

Tabela 03 – Estabelecimentos agropecuários

Tabela 04 - Renda Média da População de Vitória.

Tabela 05 - Indicadores Per Capta.

Tabela 06 - Principais Atividades Econômicas Segundo a PEA Ocupada.

Tabela 07 - Empregados e Estabelecimentos por Setor de Atividade.

Tabela 08 - Distribuição da população por situação de domicílio.

## INTRODUÇÃO

Não é fácil desenvolver no Brasil estudos das relações entre cidade e campo, de vez que se partindo das próprias disposições legais, toda a população de uma sede de município – cidade – ou de um distrito – vila – é urbana, sendo consideradas rurais apenas as populações que vivem dispersas pelo campo, em habitações isoladas ou em pequenos aglomerados que são chamados de povoados. Ocorre que a população de muitas cidades e vilas trabalham no meio rural e, por conseqüência, estes aglomerados cientificamente deveriam ser considerados rurais e não urbanos.

Deve observar-se que, com a evolução do capitalismo e a sua difusão pelas áreas mais diversas, vem se observando um processo ao mesmo tempo dialético do avanço das técnicas e das relações urbanas em áreas rurais – de forma mais nítida – e em contrapartida de relações rurais em áreas urbanas – de forma menos perceptível. Assim, é difícil diferenciar o rural do urbano mesmo em áreas urbanas contínuas e de pequena extensão.

É conveniente lembrar que, em sua evolução histórica, face ao sentido da colonização, a ocupação do espaço e a produção do território brasileiro foi feita a partir do sistema de “plantation” da grande propriedade, visando a exportação de produtos tropicais, como a cana-de-açúcar, o cacau, o algodão, o café<sup>1</sup>, etc, onde se priorizava a grande propriedade que se auto-abastecia de grande parte dos produtos que consumia, formando núcleos rurais com *habitat*

---

<sup>1</sup> PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação Econômica e Territorial do Brasil*.

aglomerados, formados em geral pela casa-grande centralizadora e pela senzala, dela dependente. Os aglomerados mais expressivos no Brasil surgiram inicialmente à beira mar, ou em embocaduras de rios navegáveis, dando origem a portos, ou em entroncamentos ou encruzilhadas, onde se bifurcavam os caminhos.

O desenvolvimento das atividades comerciais foi gradativamente provocando o crescimento destes aglomerados, transformando-os em cidades que cresceram e diversificaram as suas funções à proporção que apareciam as necessidades de abastecer as mesmas e os estabelecimentos agrários vizinhos. Consolidou-se como consequência uma diversificação entre áreas rurais e as urbanas em alguns pontos com o domínio dos senhores rurais – grandes proprietários, donos de terras e escravos, oficiais de milícias – e os habitantes das vilas e cidades, comerciantes, militares, altos funcionários e clero – que compartilham do sistema de apropriação dos recursos e do poder político.

Atravessando o período colonial e o imperial, o crescimento urbano foi se concretizando e formou-se uma hierarquia urbana em que cada aglomerado – cidade – exercia uma influência direta e indireta sobre a área circunvizinha à proporção que ia se distinguindo uma área próxima, central de uma área periférica.

Em Vitória de Santo Antão, atualmente com 124.351 habitantes, sendo 86,49% habitantes residentes da área urbana e 13,51% residentes da Zona

rural, numa área total de 372 Km<sup>2</sup>, (segundo dados do IBGE 2000) pode ser considerada ainda, uma das principais cidades do estado de Pernambuco, tendo surgido no século XVII, no caminho que se dirigia para o Sertão, em área de colinas situadas ao sopé do maciço da Borborema, com o domínio de clima úmido – As' de Koppen – que se prestava bem à cultura da cana-de-açúcar, Daí o estabelecimento de engenhos, inicialmente movidos à tração animal – bois e éguas – e posteriormente a vapor. Com o surgimento de homens ricos e de barões do império, como o de Escada, também situada próxima ao Agreste, área policultora de frutas e tubérculos e farinha de mandioca, Vitória tornou-se um ponto de concentração da produção agrestina e em consequência de sede de uma importante feira. Nesta feira, os agrestinos vendiam os seus produtos a comerciantes que os transportavam para o Recife e para outras áreas da região da Mata e adquiriam açúcar mascavo, aguardente e produtos manufaturados da região. Durante décadas, a feira de Vitória de Santo Antão teve grande importância na economia da cidade, dando importância econômica e política que a tornou um dos principais centros urbanos do Estado. Essa importância foi consolidada com a construção da estrada de ferro que a ligava ao porto do Recife.

O crescimento da cidade ampliou-se com o desenvolvimento dos serviços, como o da criação de escolas, a princípio de ensino fundamental, secundário (hoje nível médio) e finalmente o surgimento de institutos de ensino superior particular com as faculdades FAINTVISA (Faculdades Integradas de Vitória de Santo Antão) e a FACOL (Faculdade Osman da Costa Lins). No início deste ano (2007), iniciou-se o funcionamento de um campus da

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) no município, com os cursos de enfermagem, nutrição e ciências biológicas. Como empreendimento de ensino federal mais antigo no município tem-se ainda a Escola Agrotécnica de Vitória de Santo Antão, com vários cursos técnicos de nível médio.

O crescimento populacional e as sucessivas crises da indústria açucareira levaram ao desenvolvimento no município da indústria e em larga escala da indústria de aguardente com firmas como Serra Grande, Aliada e Pitú e ao parcelamento da utilização das terras de engenhos bangüês que fechavam suas fábricas de açúcar, dividindo suas propriedades em áreas cultivadas por arrendatários – os foreiros – que as destinavam a culturas diversificadas. O crescimento da população de Vitória e do Recife criou um mercado de frutas e legumes de expressão. Com a criação deste mercado e a intensificação do plantio diversificado, ampliaram-se as relações entre a cidade – centro de consumo – e o campo – centro de produção.

A partir dos anos cinqüenta, quando houve a intensificação da produção de açúcar e a conseqüente ampliação da cultura da cana, os proprietários dos engenhos e as usinas que os adquiriu ou arrendou, passaram a desenvolver um processo de expulsão dos trabalhadores rurais do campo e a destruição das lavouras, com o intuito de recuperar a posse das mesmas, gerando agravamento da luta pela terra até então adormecida. Daí haver surgido em terras do Engenho Galiléia, em Vitória de Santo Antão, as famosas Ligas Camponesas e em seguida os sindicatos rurais, sendo o primeiro marco da luta pela reforma agrária no Brasil.

Observa-se, já nos anos cinquenta, a ação dos governos estaduais com uma política de colonização, com a desapropriação de engenhos de açúcar e a alocação de pequenos produtores nessas áreas. A esta política se conectava uma de organização da comercialização agrícola, protegida pelo Estado que marginalizava, ou tentava marginalizar os atravessadores. Hoje, apesar de não haver essa proteção do Estado – que, por sinal, teve uma atuação breve junto aos pequenos produtores – a pequena produção agrícola diversificada permanece como uma atividade econômica importante no município. Sendo ela umas dos agentes responsáveis pelo processo, estrutura, forma e função do espaço.

É este espaço indissociado, solidário e contraditório, de sistemas de objetos e ações, não o considerando separadamente, mas como um quadro único, que esta dissertação pretende analisar. Para isto, se buscou as relações existentes entre a área de pequena produção agrícola e o centro urbano de Vitória de Santo Antão, fazendo uma colocação a respeito da formação histórica da cidade, e a importância econômica e social desta atividade, desde o princípio da formação da cidade até os dias atuais. Também se fará uma colocação conceitual sobre o rural e o urbano e uma análise sobre a conceituação geográfica de Espaço, além de mostrar como as relações entre o urbano e o rural são responsáveis pela formação do espaço único, porém heterogêneo, em Vitória de Santo Antão. Compreendendo as relações entre essas duas localidades tentaremos analisar como estes fluxos formaram um

espaço único e indissociável no município e o papel da pequena produção agrícola neste contexto municipal.

Com o intuito de aprofundar o assunto foram feitas revisões bibliográficas sobre o conceito de espaço, rural, urbano e de suas relações, a fim de rever os conceitos evidenciados e melhor entender como se deu o processo entre essas duas áreas. A parte histórica sobre o município teve igual cuidado e leitura.

Foi elaborado um amplo material iconográfico, mostrando detalhes da antiga e da atual paisagem do município. Foram realizadas também visitas a órgãos responsáveis pela gestão do município na prefeitura de Vitória de Santo Antão, algumas de suas secretarias, (de obras e de administração) além de outros órgãos: o INCRA, a FIDEM, PROMATA e consultas ao IBGE.

Por fim, realizaram-se entrevistas em campo com os pequenos agricultores, - proprietários e empreiteiros - seus familiares, alguns comerciantes da Avenida Mariana Amália, principal centro comercial de Vitória, alguns jovens que residem em Vitória, mas migram diariamente para Recife a fim de estudar, e alguns idosos nascidos e criados no município.

# 1. Espaço, Geografia e Sociedade

*“É bem verdade que as categorias mudam de significação com a história, mas elas também são uma base permanente e, portanto, um guia permanente para a teorização”. (Milton Santos. Por uma Geografia Nova).*

Para entender como é possível considerar a área urbana e a área rural do município de Vitória de Santo Antão um Espaço único, é necessário saber qual conceito de Espaço está sendo levado em questão neste trabalho. Este capítulo tem a intenção de sanar esta dificuldade, além de mostrar a importância do conceito em diferentes momentos da história da geografia. Lembrando que a expressão “conceito” é geralmente traduzida como significando uma abstração extraída da observação dos fatos particulares.

## 1.1 A Importância do Conceito de Espaço na Geografia

O conceito de Espaço é caracterizado de formas diferentes de acordo com cada ciência e época em que ele é trabalhado. É válido lembrar o fato de não ser apenas a Geografia a ciência que se vale desse conceito, palavra de uso popular corrente. Dentre as outras ciências, podemos citar a Matemática, a Astronomia dentre várias outras. Cada uma delas, porém, leva em consideração as necessidades específicas das suas áreas<sup>2</sup>, assim como ocorre na Geografia a fim de conceituá-lo.

---

<sup>2</sup> CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da C.; CORRÊA, Roberto Lobato. *Geografia Conceitos e Temas*.

Na ciência geográfica, somando-se ao conceito de Espaço, trabalha-se ainda com os de Território, Região, Lugar e Paisagem – dentre outros, mas sendo estes os principais. Cada um deles teve um período de maior ou menor evidência ao longo da institucionalização dessa ciência, variando de acordo com a necessidade e o interesse predominante do momento histórico.

Durante a fase da geografia tradicional, por exemplo, que se estendeu até a década de 50 do século XX, *a abordagem espacial, associada à localização das atividades dos homens e aos fluxos, era muito secundária entre os geógrafos*<sup>3</sup> e pouco se debateu sobre esse conceito nessa fase. Na realidade, o espaço não se constituía em um conceito chave indispensável para as necessidades desse período na geografia tradicional.

A dominação do espaço, no entanto, foi responsável em transformá-lo em um elemento crucial para o homem e a dominação de parte de sua área. A partir de relações de poder, o fragmentou em Territórios, mas sem deixar com isso de manter a sua unidade. O Território emergiu como um dos principais conceitos geográficos dessa fase – fase seguinte à geografia tradicional – e se mostrou *como se cada porção do espaço absoluto fosse o locus de uma combinação única (unicidade) em relação à qual não se poderia conceber generalizações*<sup>4</sup>.

É na década de 50, com o início da geografia teórica – quantitativa que vamos ter o Espaço como um conceito-chave corrente no pensamento

---

<sup>3</sup> IDEM.

<sup>4</sup> CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da C.; CORRÊA, Roberto Lobato. *Geografia Conceitos e Temas*..

geográfico. Neste período, o Espaço era estudado pela Geografia a partir da ocupação humana, analisando a sua densidade demográfica, a renda da população e os demais contextos econômicos e sociais. Para se chegar às conclusões desejadas, a Geografia passou a utilizar formulas matemáticas. Achava-se necessário a precisão dessa ciência para se entender a realidade e, por isso, era comum deixar de observar as peculiaridades inseridas no contexto.

Ainda neste período, o panorama nacional foi marcado pelo aumento vertiginoso da urbanização e para entendê-lo melhor importando-se fórmulas de compreensão do Espaço a partir do binômio centro-periferia que já eram utilizados pelos países que haviam passado pelo processo de urbanização da população.

A partir da década de 70, vai surgir uma corrente denominada de geografia crítica, baseada principalmente no pensamento marxista. Nessa fase o espaço continua sendo um conceito relevante dentro do pensamento geográfico e visto como o espelho da sociedade, palco de muitas contradições e levando juntamente em consideração as análises das relações temporais. É visto também, segundo Dollfus como a *epiderme da Terra, isto é, a superfície terrestre e a biosfera*.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> DOLLFUS, Olivier. *O Espaço Geográfico*.

## 1.2 O Conceito Contemporâneo de Espaço

A partir do momento em que a geografia se tornou uma matéria oficial, ela formulou as suas bases conceituais e como todas as outras ciências essas bases sofreram e sofrem constantes alterações a fim de atender as necessidades do momento presente. Como consequência, a linha de cada conceito geográfico não foi a mesma no decorrer desse tempo, pois novas análises foram feitas em cima de cada conceito inicial, obtendo-se novas complementações e conclusões, tendo-se inclusive diferentes perspectivas ao mesmo tempo. Hoje, levando em consideração o pensamento geográfico atual, é possível considerar que a interpretação do espaço:

*“e sua gênese ou seu funcionamento e sua evolução depende de como fazemos antes a correta definição de suas categorias analíticas, sem a qual estaríamos impossibilitados de desmembrar o todo através de um processo de análise, para reconstruí-lo depois através de um processo síntese.”* (SANTOS, Milton. Por uma Geografia Nova).

O todo, está em movimento contínuo, perpétuo e conseqüentemente em constante mudança, estruturando no espaço novas características, porém, sem destruir algumas das suas antigas bases impressas no decorrer dos acontecimentos sociais – seja impressa na paisagem ou nas relações sociais. É, no entanto, o trabalho do homem um dos principais acontecimentos sociais

que influenciam na formação do espaço, alterando a natureza e deixando as suas marcas na paisagem, afinal o espaço é um:

*“conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente”.* (SANTOS, Milton. Por uma Geografia Nova).

A Forma e a Função às quais Santos se refere são duas das quatro categorias de análise do espaço trabalhadas por ele – as demais são estrutura e processo. Para ele *forma* é o aspecto visível de um objeto, visto isolado ou em conjunto, formando um padrão espacial dos objetos, mas analisando-o levando em consideração as relações que possibilitaram a sua formação que é o *processo*. Já a análise da *função*, vem em concordância com forma. A função constitui numa atividade elementar revestida pela forma, possibilitando a apreensão dos novos usos, valores e significados. Mesmo sabendo que de um lado o Espaço é um conceito abstrato, temos de outro a sua dimensão real e concreta como lugar de realização da vida humana<sup>6</sup>. E são essas realizações da vida humana que nos permitem analisar o espaço a partir dessas categorias propostas por Santos.

Essas realizações imprimem características no espaço, dando-nos a dimensão das intervenções do homem ao longo tempo, através da chamada *rugosidade*, que nada mais é do que aquilo:

---

<sup>6</sup> CARLOS, Ana Fani A.. *Espaço-Tempo na Metrópole*.

*“que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos. É dessa forma que elas são uma parte desse espaço-fator. Ainda que sem tradução imediata, as rugosidades nos trazem os restos de divisões do trabalho já passadas (todas as escalas da divisão do trabalho), os restos dos tipos de capital utilizados e suas combinações técnicas e sociais com o trabalho” (SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço, Técnica e Tempo).*

Ou seja, as rugosidades são os processos do passado e do presente impressos no espaço, formando a paisagem. A paisagem em linha gerais é um conjunto de formas somatizadas que num dado momento exprime as heranças representativas das sucessivas relações realizadas entre o homem e a natureza e entre os próprios homens num dado local e momento, sendo possível ainda abarcá-la com a visão.

O espaço geográfico é, portanto, um objeto de estudo visto através das formas materiais acumuladas em um dado ambiente e momento, indo de acordo principalmente com as forças produtivas, fruto das ações conjuntas do homem em sociedade, ligando o passado ao presente e possibilitando uma previsão – nem sempre certa – futura, reunindo a materialidade e a vida que o anima.

O Espaço, como é possível perceber, é determinado pelas diferentes temporalidades. A divisão do trabalho exerce um papel preponderante nessa construção, imprimindo molduras diferentes de acordo com a escala e intensidade da divisão, tornando possível considerar o espaço como um fator da evolução social e não apenas como uma condição. Este fato resulta da intrusão da sociedade nas formas-objetos.

### 1.3 A Unicidade do Espaço

Ainda tratando da questão conceitual do espaço, mais especificamente a trabalhada por Milton Santo, no seu livro *A Natureza do Espaço*, é possível compreender melhor a unidade do espaço.

Seguindo a linha de pensamento abordada neste livro, devemos considerar o espaço como uma totalidade que abriga diferentes instâncias como o lugar, o território e a paisagem. Como os agentes formadores do espaço vamos ter ainda um conjunto de objetos distribuídos sobre o território, sendo a sua continuidade a responsável pela formação da paisagem. A configuração de totalidade do espaço é auxiliada ou possibilitada pelos *processos sociais representativos de uma sociedade em um dado momento. Esses processos, resolvidos em funções, se realizam através de formas,*<sup>7</sup> se prestando não apenas como uma condição, mas a um fator social.

---

<sup>7</sup> SANTOS, Milton. *Espaço e Método*.

Para entender esse todo espacial, é necessária uma análise fragmentada do espaço para que ao final haja a reconstituição do todo, levando em consideração os fixos e os fluxos, sendo os fluxos elementos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e sociais, redefinidoras do lugar. Cada lugar é uma combinação de diferentes modos de produção<sup>8</sup> e devido às suas variáveis, ele forma uma combinação de técnicas qualitativamente diferentes, individualmente dotadas de um tempo específico. Assim como ocorre no município de Vitória de Santo Antão, onde é necessário se entender os diferentes lugares - no caso deste estudo o urbano e o rural do município - para posteriormente poder se compreender o todo espacial.

Para se entender o lugar assim como o espaço, Santos mostrou a necessidade de se observar os seus principais elementos que são: os homens, as firmas, as instituições, o meio ecológico e as infra-estruturas.<sup>9</sup> Explicando a importância de cada um desses, ele afirmou serem os homens, os fornecedores de trabalho, sendo os diversos tipos de trabalho e de demanda a base de uma classificação do elemento homem na caracterização de um dado espaço.

O meio ecológico ao qual ele se refere não é aquele ligado à natureza, mas sim a um conjunto de complexos territoriais que constituem a base física do trabalho humano. No tocante à infra-estrutura é possível dizer que é o trabalho humano materializado como: as casas, os prédios, as ruas, as plantações, etc.

---

<sup>8</sup> SANTOS, Milton. *Espaço e Método*.

<sup>9</sup> IDEM..

A relação entre todos esses elementos tende a se expandir e:

*“A medida que os elementos do espaço se tornam mais intercambiáveis e suas relações se tornam mais íntimas e extensas, a noção de espaço como totalidade se impõe de maneira mais evidente”*  
(SANTOS, Milton. Espaço e Método.).

É, porém, apenas através do movimento do conjunto, do contexto, ou melhor, do todo, que podemos analisar cada parte para depois reconhecermos corretamente o todo. Ainda segundo Santos:

*“O exercício da apreensão da totalidade é um trabalho fundamental e básico para a compreensão do lugar real e epistemológico que, dentro dela, têm as suas diferentes partes ou aspectos. Todavia, o conhecimento das partes, isto é, do seu funcionamento, de sua estrutura interna, das suas leis, da sua relativa autonomia, e a partir disto, da sua própria evolução, constituem um instrumento fundamental para o conhecimento da totalidade.”* (SANTOS, Milton. Por uma geografia nova.).

É por este motivo que se faz necessário entender separadamente o contexto de Vitória de Santo Antão e após compreender o rural e o urbano do município. Após a análise de ambas as localizações e inclusive dos fluxos e interações existentes entre esses que é possível chegar à conclusão que

apesar de serem localidades diferentes o urbano e o rural do município fazem parte de um mesmo espaço. Espaço este considerado um:

*“Conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações [...] permite, a um só tempo, trabalhar o resultado conjunto dessa interação, como processo e como resultado, mas a partir de categorias susceptíveis de um tratamento analítico que, através de suas características próprias, dê conta da multiplicidade e da diversidade de situações e de processos.” SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço).*

Este espaço deve portanto ser pensado de forma única, mas levando em consideração as diferenças e percebendo que as questões ocorridas em uma dessas localidades interfere indireta e diretamente na outra localidade do mesmo espaço. Isso vale principalmente para o planejamento político-administrativo, onde as medidas devem ser tomadas para um determinado local, mas vislumbrando os impactos gerados nas demais localidades do espaço.

A formação do espaço indissociável de Vitória a partir da perspectiva do urbano e do rural será mais bem tratado no próximo capítulo, onde será mostrada a relação existente entre essas duas localidades e como os acontecimentos isolados em cada um dos lugares interfere nas transformações e desenvolvimento do todo do município.

## 2. A Formação e Ocupação de Vitória de Santo Antão

*“A história não é outra coisa senão a sucessão das diferentes gerações, em que, cada uma delas explora os materiais, os capitais e as forças de produção a ela transmitidas pelas gerações que antecederam; assim, por um lado, prossegue em condições completamente diferente, o que pode ser distorcido pela especulação, convertendo-se na história posterior como finalidade da história anterior...” (MARX e ENGELS. A ideologia alemã).*

O município de Vitória de Santo Antão, localizado no Estado de Pernambuco, em seu processo de ocupação, seguiu a regra geral da formação dos municípios brasileiros, tendo casa e igreja, como primeiros documentos fisionômicos de sua formação. A pequena produção agrícola iniciada juntamente com essa ocupação local, e a relação estabelecida entre esta e a extensiva produção de cana-de-açúcar, tão importante regionalmente, nacionalmente e mundialmente nos idos de 1626, ano do início da ocupação do município de Vitória de Santo Antão, serão temas abordados neste primeiro capítulo.

Será, no entanto, levado em consideração um ponto imprescindível para a compreensão da configuração do município: o fato de esta localidade não ter vivido o esplendor açucareiro como em outros municípios da Zona da Mata pernambucana, – por exemplo Igarassu - sendo inclusive percebida a ausência de prédios suntuosos – principalmente igrejas e casas-grande - herança da fase de riqueza e esbanjamento dos Senhores de Engenho. Um dos motivos dessa carência em Vitória de Santo Antão deve-se ao fato do açúcar só ter se

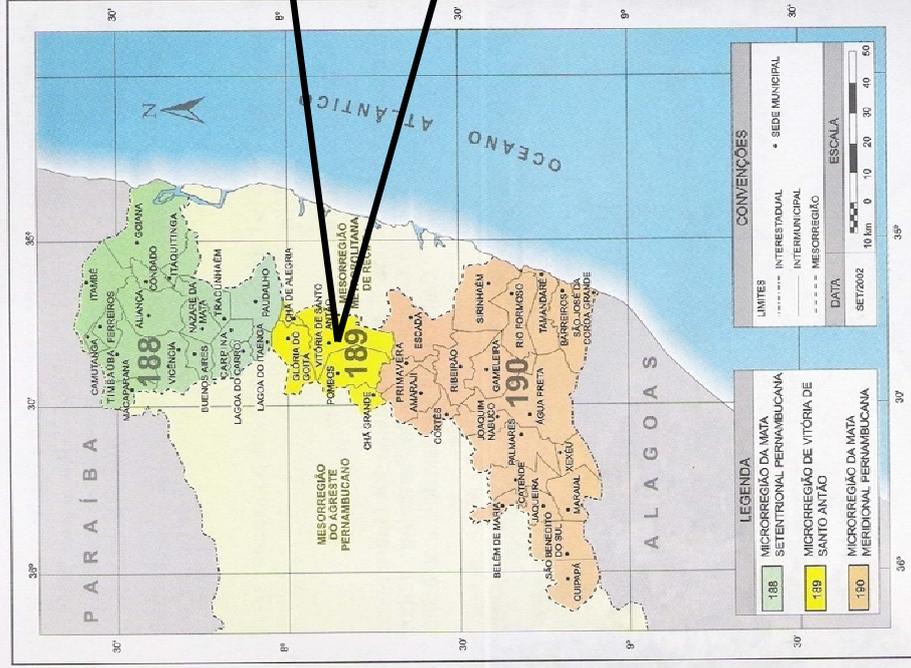
expandido no local, quando já se encontrava em baixa no mercado internacional – século XIX - devido à concorrência com o açúcar antilhano, sob o comando dos holandeses, não proporcionando vultuosos lucros aos seus empreendedores.

O município de Vitória de Santo Antão encontra-se distante 51 Km da capital pernambucana, Recife, e está localizado na mesorregião da Mata, fazendo parte da região de desenvolvimento da Mata Sul e da microrregião de Vitória de Santo Antão. Quanto as suas características climáticas é possível afirmar que ele se encontra em uma área de transição entre Zona da Mata e Agreste e por isso possui em seu território características edáficas e fitogeográficas pertencentes aos dois ambientes – Agreste e Zona da Mata.

Situado ao sopé do maciço da Borborema, encontra-se segundo a classificação de Koppen na zona de transição climática dos tipos: Aws e As com ligeira predominância do segundo, quente e úmido com chuvas máximas de maio a agosto (Fonte: [pt.wikipedia.org/wiki/Vitória\\_de\\_Santo\\_Antão](http://pt.wikipedia.org/wiki/Vitória_de_Santo_Antão) - 02/2006), sendo, uma parte de seu território caracterizado por ser uma sub-zona do agreste tendo, portanto, apenas uma parcela da sua área condições naturais favoráveis à cultura da cana.

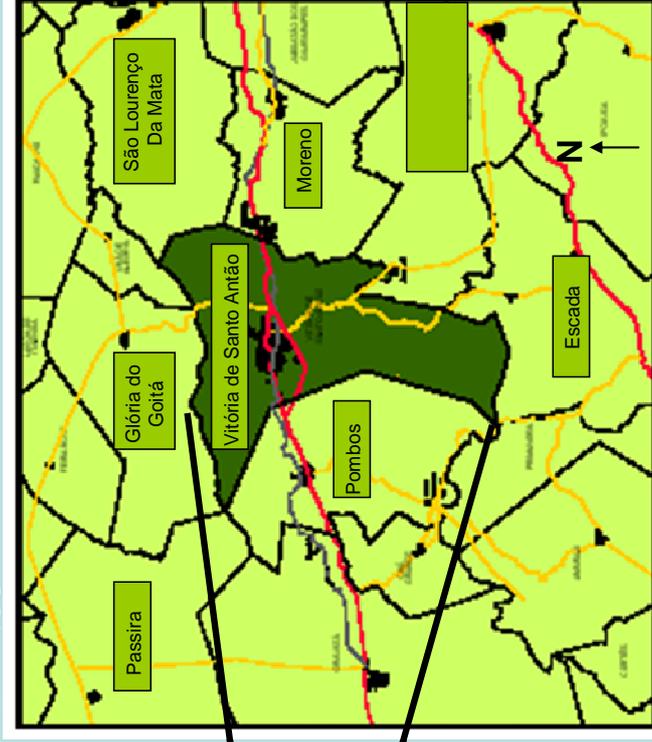
# Localização do município de Vitória de Santo Antão

## MESORREGIÃO DA MATA PERNAMBUCANA Microrregiões Geográficas



FONTES: CONDEPE/IBGE, 1986. DES/ED/GPAP; Fomareo, J. C. Lim.

## Município de Vitória de Santo Antão Limites



Fonte: Plano diretor de Vitória de Santo Antão, outubro de 2003.

## **2.1 A Cidade de Braga e Suas Atividades Econômicas**

A ocupação do hoje município de Vitória de Santo Antão ocorreu por volta de 1626, quando Diogo Braga construiu à margem esquerda do rio Tapacurá sua casa e a de alguns parentes, além de uma capela em homenagem a Santo Antão. Apesar de ser apenas um pequeno povoado, a localidade ficou conhecida como “cidade” Braga, em homenagem a este homem que primeiro se estabeleceu na localidade e tratou de implantar ali, junto à várzea do rio, uma produção agrícola de subsistência. A medida que o povoado foi crescendo, Braga foi sendo gradativamente esquecido, passando o local a se chamar, no fim do século XVIII, de freguesia de Santo Antão da Mata, em homenagem ao padroeiro.

Por estar localizado num ponto estratégico da capitania, equidistante das ribeiras do centro-oeste, no roteiro do Capibaribe ao São Francisco, tornou-se, no início do século XVIII, um importante centro comercial e um ponto de convergência dos moradores da região. A vinda semanal dos tropeiros do Sertão do São Francisco para as feiras de gado tinham a freguesia como principal ponto de abastecimento antes de irem realizar a comercialização da carne no litoral, nas cidades de Recife e Olinda. Estabelecendo-se como região de entreposto comercial, a dinamização da economia local foi uma consequência. Tornando Vitória um centro de irradiação e de desenvolvimento de riquezas.

Nas feiras realizadas aos sábados, dia em que os tropeiros encontravam-se no município e aumentavam significativamente o número de

peças no povoado, vendiam-se as mais variadas mercadorias produzidas pelos moradores locais. Sobre o assunto GOUVEIA cita a estatística de 1774, subscrita:

*“A sua povoação é alta; aos sábados se matam nela vinte e cinco bois até trinta bois; aqui há outra feira nestes dias, donde os moradores vendem os seus efeitos e pano de algodão, que fabricam nesta freguesia em abundância, por cujo motivo vêm comboios do Sertão e de Minas a comprar este gênero neste lugar. Os habitantes também criam seus gatinhos por serem já lugares de Sertões; outros vivem de suas engenhocas de fazer rapaduras e o consumo destas é o Sertão.”* (GOUVEIA, Fernando da Cruz. *“Uma relação dos engenhos de Pernambuco e Paraíba no século XVIII”*. In ARAGÃO, José. História da Vitória de Santo Antão, V.1.)

Nesta fase da história do Brasil, o país era essencialmente rural e agrícola – *A consolidação e fixação, da economia brasileira em espaço urbano só aconteceu entre 1940 e 1980. De acordo com os dados, a taxa de urbanização passou de 26,33% em 40 para 68,89% em 80*<sup>10</sup> - estando portando as suas atividades comerciais essencialmente ligadas a esta produção e a economia local não se mostrava diferente. Ainda no âmbito nacional o comércio realizado girava em torno do setor primário, em especial da agricultura – a princípio a cana-de-açúcar - e da pecuária. Estas duas

---

<sup>10</sup> SANTOS, Milton. *A urbanização Brasileira*.

economias tinham uma relação estreita e mantiveram durante um determinado período uma dependência como comenta o geógrafo e historiador Manuel Correia:

*“A criação de gado foi desde os primeiros tempos uma atividade econômica subsidiária da cana-de-açúcar. Os engenhos eram quase sempre movidos a tração animal e, tanto o transporte da cana, dos partidos para a fábrica, como o transporte do açúcar, das fábricas para os portos de embarque, estavam quase sempre a exigir grande número de bois e de cavalos.” (ANDRADE, Manoel Correia. A Terra e o Homem no Nordeste.)*

Apesar da intensa movimentação econômica do setor agropecuário no município, o Brasil, como país colônia, tinha a sua economia destinada a fornecer ao mercado europeu alguns gêneros tropicais e minerais de grande importância como: o açúcar, o algodão, ouro dentre outros. Tudo mais que aqui existia no tocante à economia, envolvia pouco monta e só se sustentava com o objetivo de manter e viabilizar as atividades exportadoras.<sup>11</sup>

Apesar de toda a importância que a cana-de-açúcar tinha – e ainda tem - na Zona da Mata pernambucana e no Nordeste, em Vitória de Santo Antão esse produto só vai se consolidar economicamente e espacialmente, no século XIX, como será melhor explicado mais adiante. Devemos, no entanto, lembrar de Diogo Braga, o pioneiro na ocupação do local que implantou a produção de

---

<sup>11</sup> PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo.*

subsistência na margem do Tapacurá. Essa produção, porém, não foi sendo esquecida como o desbravador do local, pelo contrário, devido às circunstâncias, dentre elas o fato de o município ser um entreposto comercial, apurou e expandiu essa pequena produção, que se destinava essencialmente à comercialização. Essa produção agrícola era feita em geral através dos foreiros, que:

*“recebiam um pedaço de terra, em que cultivavam produtos alimentares ou o algodão, e comercializavam a produção, pagando a renda da terra em dinheiro ou serviço, isto é, dando um certo número de dias de trabalho à propriedade. A esta obrigação é que se chamou de “cambão”, nome bastante divulgado após 1950, quando as ligas camponesas o formaram em símbolo de dominação injusta.”*  
(ANDRADE, Manoel Correia. Lutas Camponesas no Nordeste.)

Essa forma de “parceria” realizada no município de Vitória de Santo Antão, se dava nas áreas onde a plantação da cultura da cana-de-açúcar não era propícia devido às condições climáticas, já que o município encontra-se numa zona de transição entre a Zona da Mata e o Agreste, ou em áreas onde devido ao baixo desenvolvimento tecnológico da época era de difícil cultivo.

Em função do primeiro fator mencionado, - as condições climáticas - havia uma separação natural das áreas de produção de cana-de-açúcar e da policultura em pequenas propriedades. A distribuição espacial dessas duas

culturas obedecia e obedece a uma lógica que vai de acordo com as Zonas Fitogeográficas do município, como comenta o historiador José Aragão:

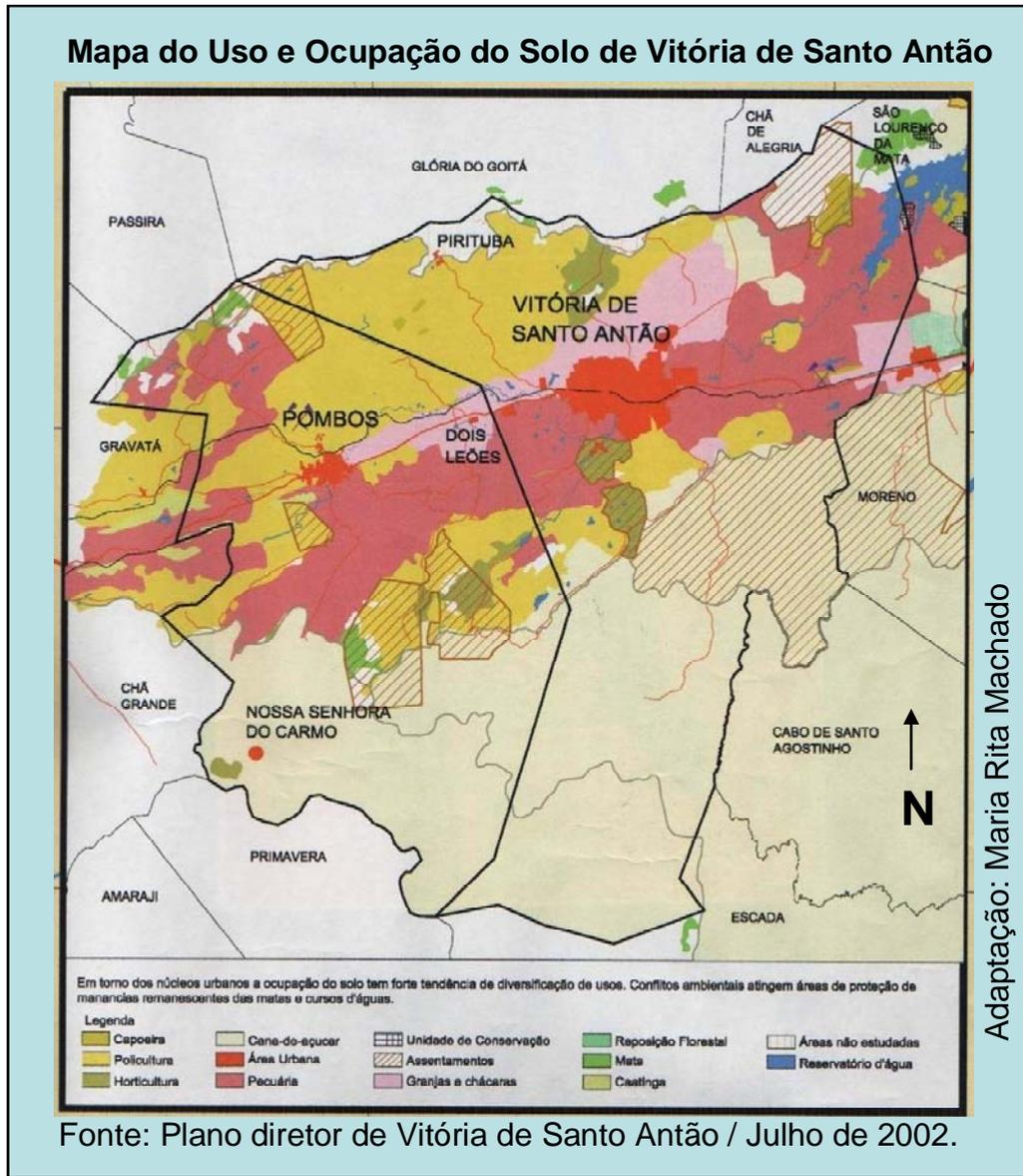
*“a da Mata seca, ao Norte e Oeste, em parte dos vales do Tapacurá e do Goitá, propicia à criação do gado e à cultura de cereais, do algodão e do fumo, e, por isso mesmo, dividida em pequenas propriedades; e a Mata úmida, a Leste e ao Sul, nas ribeiras do Jaboaão, do Pirapama e do Ipojuca, própria para a lavoura canavieira, coberta de engenhos.”* (ARAGÃO, José. História da Vitória de Santo Antão. Centro de Estudos de História Municipal, 1626 – 1843. V.1).

A citação acima está se referindo à distribuição espacial da primeira metade do século XIX. Apesar disso, ela se encaixa muito bem com a espacialização mostrada no mapa de uso e ocupação do solo de 2002 – mapa 02. Houve, como de esperado das transformações espaciais ao longo do tempo, o incremento de mais funções e características ao território do município como: a expansão da área urbana, o surgimento de um parque industrial significativo e a fixação de sítios e chácaras de fins de semana, estas formam uma *faixa de largura variável que acompanha, grosso modo, a BR – 232 e a PE - 45. Em média, as granjas e chácaras têm de 2 a 4 hectares.*<sup>12</sup> As chácaras, porém, dispõem em média uma área menor, pois são resultados do parcelamento das granjas, antigas fazendas ou engenhos. Localizados nas proximidades da principal via de saída da cidade, a BR-232, esses residentes

---

<sup>12</sup> Plano Diretor de Vitória de Santo Antão. Dezembro de 2002.

de fim de semana acabam tendo pouco contato e conseqüentemente pouco conheçam da realidade de Vitória de Santo Antão, usufruindo apenas das áreas das suas casas, granjas ou chácaras.



Mapa 02

Sobre a distribuição espacial obedecendo as características fitogeográficas do município, a série Monografias Municipais organizada pelo Governo do Estado de Pernambuco reforça:

*“Geograficamente localizado numa área que detém características de uma região de transição, as formas de exploração agrícola também refletem essas influências. Para tanto, percebe-se que apesar da predominância da cultura da cana-de-açúcar as atividades agrícolas de hortifrutigranjeiras não só suprem as necessidades do mercado local como também se destinam ao abastecimento de outros mercados, destacando-se em particular, o do grande Recife.” (Série Monografias Municipais. Vitória de Santo Antão. Gov. de Pernambuco. Secretaria de Planejamento.).*



Granja Santo Ivo, uma das granjas a margem da PE – 45, em Vitória. Acesso direto a BR – 232, ou seja, sem passar pelo núcleo populacional principal do município.  
Foto: Maria Rita Machado. Dezembro / 2006.

Fotografia 01

No final do século XVIII e início do XIX, as atividades econômicas do município voltadas para o mercado interno (pequeno comércio e pequena produção agrícola) apesar de dinâmica, envolviam pouca monta, não fugindo

portanto, a regra geral já mencionada, das atividades econômicas voltadas ao mercado interno. Os engenhos de cana-de-açúcar como eram auto-suficientes, não consumiam os produtos de horticultura desses lavradores-comerciantes. Agregado a esse fator, havia as condições precárias dos meios de comunicação e transporte para escoamento da produção excedente dos pequenos agricultores, ficando estes reduzidos à comercialização no local, intensificada apenas aos fins de semana pelos tropeiros e a vinda das povoações próximas.

Como reflexo da baixa renda dos habitantes de Vitória de Santo Antão, os impostos e o dízimo pago por essa população não eram suficientes para a construção de prédios públicos e igrejas suntuosas que o apogeu do açúcar propiciou a algumas cidades. Um dos motivos da ausência de suntuosidade na arquitetura local, foi a instalação em maior escala da produção açucareira apenas quando o açúcar estava passando por uma crise no mercado internacional, com a baixa do seu valor devido à concorrência com as Antilhas (fim do século XVIII, início do XIX). Em 1761, fase em que o açúcar ainda não tinha acendido a luz vermelha da crise, a freguesia possuía apenas três engenhos: o da Conceição, o das Cacimbas e o de Serra, sendo os demais eram apenas engenhocas de mel e rapadura<sup>13</sup>.

Com a abertura das estradas ligando Vitória de Santo Antão a outras localidades do Agreste e Sertão, no início do século XIX, houve não só uma ampliação no dinamismo econômico dos pequenos comerciantes, mas também

---

<sup>13</sup> ARAGÃO, José. *História da Vitória de Santo Antão*. V.2.

a implantação de inúmeros engenhos, havendo um salto de três para quase uma centena no início da segunda metade do mesmo século<sup>14</sup>.

## 2.2 Santo Antão da Mata e a Abertura de Estradas

As vias de comunicação entre as diferentes áreas de ocupação do Brasil davam-se de forma irregular e quase sempre sem continuidade, como comenta Caio Prado Júnior:

*“...Vias de penetração que articulam e ligam o litoral com o interior, todas elas independentes entre si, vão dar por si e sem conexão direta com as demais, forma um pequeno sistema autônomo, constituído de seus extremos, núcleos litorâneo e interior, ligados pela via e levando uma vida mais ou menos à parte.” (PRADO JÚNIOR, Caio. Formação do Brasil Contemporâneo.)*

Os vários núcleos populacionais do Brasil viviam praticamente independentes uns dos outros. As vias de comunicação se davam em geral ligando apenas o litoral ao interior, sendo porém a conexão mais efetiva entre um núcleo populacional litorâneo e a metrópole – Portugal - do que entre as ocupações no próprio território brasileiro, como comenta Santos:

*“O Brasil foi, durante muitos séculos, um grande arquipélago, formado por subespaços que evoluíam segundo lógicas próprias, ditadas em grande parte por suas relações com o mundo exterior. Havia, sem*

---

<sup>14</sup> ARAGÃO, José. *História da Vitória de Santo Antão*. V.2.

*dúvida, para cada um desses subespaços, pólos dinâmicos internos. Estes, porém, tinham entre si escassa relação, não sendo interdependentes.” (SANTOS, Milton. A Urbanização Brasileira.)*

Não sendo o Estado de Pernambuco beneficiado por rios inteiramente navegáveis que ligassem o litoral ao Sertão, o transporte de mercadorias e pessoas era feito basicamente por terra, através de cavalos e bois e só posteriormente conectados por estradas de ferro.

As estradas ligando o São Francisco ao litoral pernambucano davam-se em geral seguindo as margens dos rios – o Ipojuca e o Capibaribe - como os principais caminhos. A necessidade da existência de estradas ligando a Bacia do São Francisco às cidade litorâneas de Recife e Olinda era devido a criação de gado existente no Sertão que abastecia os habitantes das cidades do litoral pernambucano.

Quanto ao período exato da abertura de estradas ligando o São Francisco ao Litoral vamos encontrar muitas contradições documentais. Em Pereira da Costa, vamos encontrar a seguinte afirmação:

*“Na segunda metade do século XVIII não se penetrava no Recife, [isto é, em Pernambuco] além de Bezerros, a quinze léguas para o interior; o que ficava além entendia-se como Bahia. O Bispo Azeredo alegava como um dos serviços do seu governo interino (1798-1804) [aliás, 1802] ter aberto um caminho comunicando a praça de Olinda com*

os sertões do São Francisco.” (F.A. Pereira da Costa, Anais Pernambucanos, 8 vols. (recife, 1951 – 62), IV.).

Já observando a monografia de Gonsalves de Mello, encontramos a seguinte afirmativa sobre o caminho que leva do litoral pernambucano ao sertão do São Francisco:

*“O terceiro roteiro é exatamente o do “caminho comunicando a praça de Olinda com os sertões do São Francisco” a que se refere Capistrano, o qual Azeredo Coutinho tinha mandado abrir ao tempo do seu govêrno. Vê-se, porém, que repete o traçado do “Caminho do Ipojuca”, de 1738. Invalida-se, pois, a afirmativa do Bispo-Governador de o que mandara abrir; na verdade o mandou examinar e verificar as comodidades para as boiadas: as distâncias, os pousos,a água.”* (MELLO, José Antônio Gonsalves de. Três roteiros de penetração do território pernambucano (1738 e 1802).).

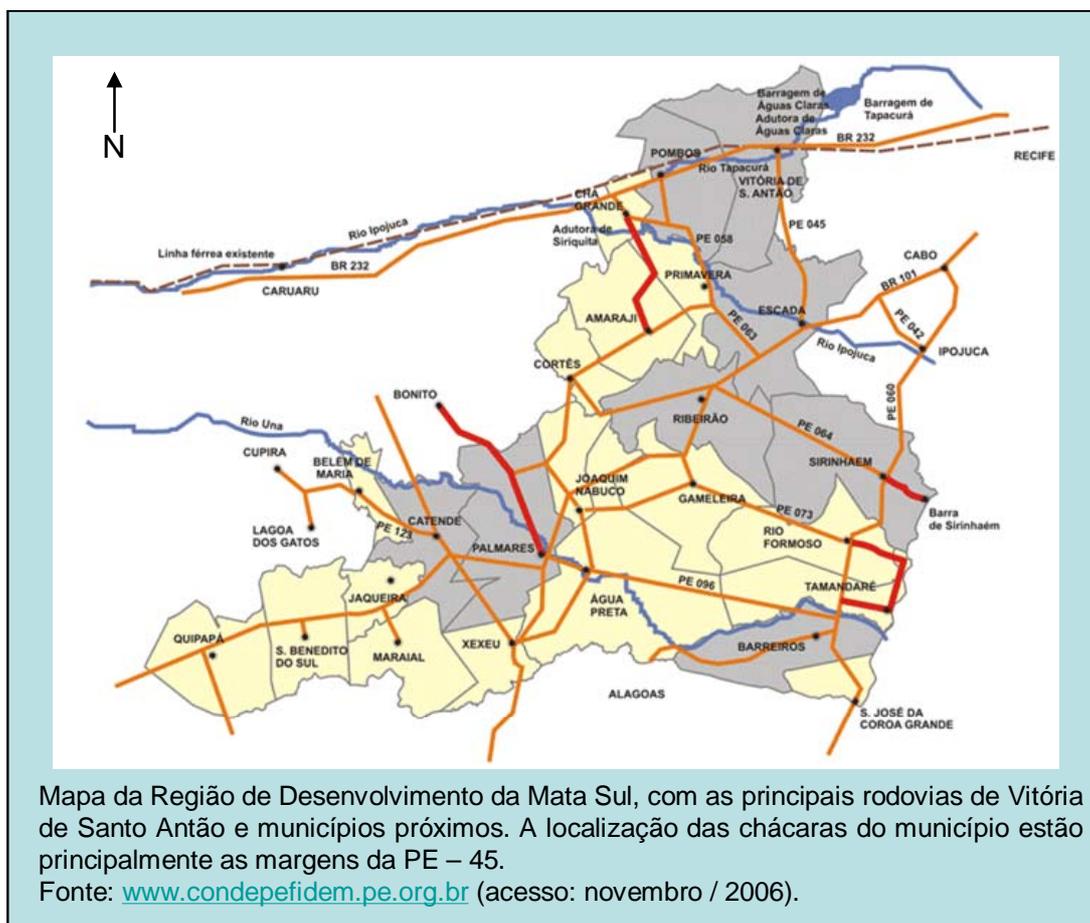
Como é possível perceber nessa segundo citação a preocupação com a rota do gado era freqüente devido a necessidade do abastecimento do litoral e já era anteriormente citado por Costa .

Diante da incerteza da data da construção ou melhoria da estrada eixo da comunicação entre o litoral pernambucano e o Sertão, tomamos a data considerada o período em torno de 1738, uma vez que a relação entre o litoral e o Sertão passando por Vitória de Santo Antão já estava estabelecida. O que

devemos, no entanto, levar em deferência é a ampliação da cultura de cana-de-açúcar em Vitória de Santo Antão, em conseqüência da melhoria dos meios de comunicação com o litoral e principalmente pela construção da estrada de ferro. Essa melhoria possibilitou, inclusive, o aumento no número de engenhos que passou de três, em 1761, para 89, em 1802, segundo o relatório do conselheiro Sérgio Teixeira de Macedo, Presidente da Província, à Assembléia Legislativa.

Apesar do crescimento significativo da economia devido a abertura ou melhoria da estrada, além da ampliação a cultura da cana-de-açúcar e da produção algodoeira no município, o cultivo da policultura em pequenas áreas continuou nas localidades de Mata-seca, como mostrado no mapa de uso e ocupação do solo anteriormente colocado – mapa 02. Com as viabilizações para o desenvolvimento tecnológico no tocante ao transporte, os produtos primordiais para a subsistência e abastecimento das populações próximas e agora também, aquelas um pouco mais distantes continuou e foi gradativamente ganhando maior fluidez. Dentre esses produtos que eram levados para o abastecimento de localidades mais distantes os principais eram: mandioca, inhame, macaxeira entre outros, da lavoura branca em geral. Em relação aos legumes destacamos: o coentro, o cebolinho, a alface, o pimentão e o manjericão. A continuidade dessa produção no município deu-se por um conjunto de fatores destacando-se a necessidade do Estado em ter uma localidade produtora e distribuidora de gêneros alimentícios. Vitória de Santo Antão, após a consolidação das suas estradas e dos meios de transporte, acentuou o seu favorecimento para prestar-se a tal atividade. A sua localização

geográfica, topografia, áreas com clima e solo não tão propícios a cultura da cana-de-açúcar e propícios a horticultura, além da tradição histórica da atividade acentuou o favorecimento do município como área abastecedora da capital pernambucana, sua Região Metropolitana, a Microrregião de Vitória de Santo Antão e mesmo auxiliando o abastecimento de outros Estados, - como afirmam alguns produtores quanto ao destino da sua produção –ampliando, diversificando e consolidando o seu mercado consumidor.



Mapa 03

Apesar da ampliação do mercado consumidor, - viabilizado pelas estradas e o aprimoramento dos meios de transporte ao longo do tempo - a policultura do município continuou tendo como característica a produção em pequenos lotes e a agricultura com baixo investimento tecnológico, sendo feito

ainda hoje o plantio, a limpa e a colheita utilizando o trabalho braçal, que não é necessariamente familiar, segundo constatações em campo

Quanto à irrigação é na maioria dos casos utilizada uma bomba elétrica – geralmente dividida entre mais de um agricultor - que puxa a água do rio Tapacurá ou Natuba – de acordo com a localização do lote - para as mangueiras, onde os trabalhadores regam manualmente as plantações.

Ainda no tocante aos transportes do município, a ferrovia também teve um papel relevante para dinamização da economia local. No ano de 1886, estava concluída a estrada de ferro Recife - Caruaru que tinha como uma das paradas, o município de Vitória. O percurso seguia o formato da maioria das linhas férreas nacionais, ligava o litoral, ao interior sem se comunicar com as vias dos outros Estados. Foi, no entanto, a via férrea, outro fator responsável pela intensificação da feira local que passou a receber um maior número de fregueses e em mais dias da semana, mas continuando a ser os sábados o dia de maior movimento. O sucateamento das ferrovias que atingiu toda a malha ferroviária do território nacional também atingiu esse trecho do percurso que segundo o relato de um jovem morador local, diz: *“não lembro a última vez que eu vi o trem passar, não sei, acho que nunca nem vi...”*(entrevista realizada em maio de 2006). Apesar do tempo em que está desativada, a antiga estação ferroviária localizada no bairro do Livramento, próxima à Av. Mariana Amália, principal ponto comercial do município, encontra-se atualmente em bom estado de conservação, servindo de espaço para uma feirinha artesanal.



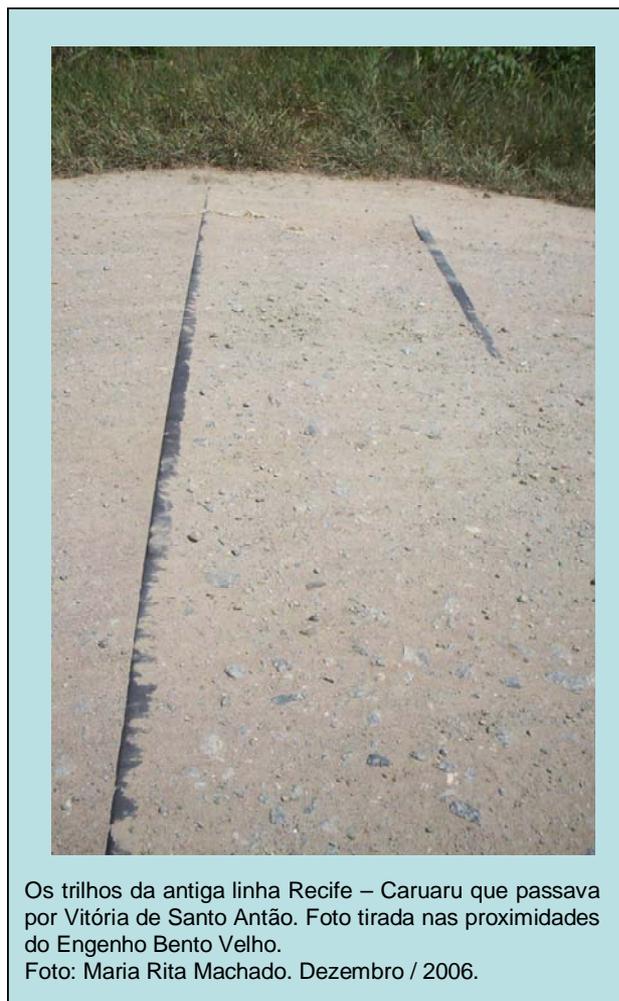
Estação ferroviária, inaugurada no dia 10 de janeiro de 1886.  
Fonte: ARAGÃO, José. História da Vitória de Santo Antão, V.1.



Foto: Maria Rita Machado / maio de 2006.

### Fotografia 02

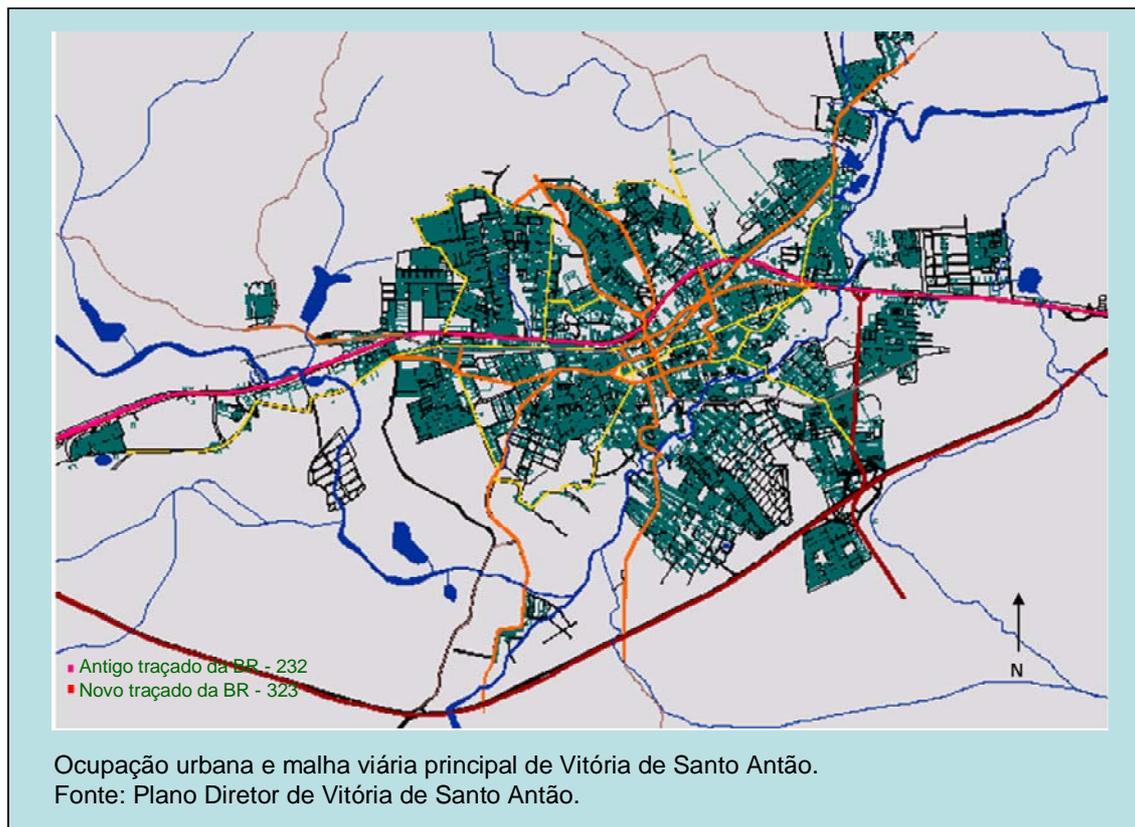
Apesar do ótimo estado de conservação da estação ferroviária esta encontra-se desativada e os seus trilhos em boa parte do seu percurso encoberto por areia e mato, como foi possível encontrar nas proximidades do Engenho Bento Velho.



Fotografia 03

Nos anos 50 do século XX, com a melhoria da qualidade dos automóveis, foi se consolidando o transporte rodoviário no Brasil. Iniciou-se então, a construção da BR - 232, (na época chamada de BR - 25 e atual Av. Henrique de Holanda). Assim como na reformulação recente do traçado desta BR, a primeira 232 também não passava por dentro do núcleo urbano do município. Apesar dos protestos dos políticos e moradores, o traçado não foi modificado, levando a cidade a expandir-se em direção ao Norte. Como consequência, a ocupação urbana envolveu a antiga BR – 232, via de escoamento da produção e deslocamento da população. Quanto ao traçado atual dessa mesma rodovia, iniciada e concluída no início do século XXI, passa

igualmente por fora do perímetro urbano atual do município. De forma semelhante ao ocorrido na década de 50, o núcleo urbano de Vitória já está esboçando uma tendência à expansão rumo ao novo traçado da BR-232 que passa ao Sul do núcleo urbano do município, como mostra o mapa abaixo.



Mapa 04

Este novo traçado da BR – 232 forma um anel contornando a Sul a região urbanizada do município. Dessa forma afasta-se dos obstáculos do adensamento populacional como as suas construções e atividades comerciais. Vitória, já esboçando uma tendência de expansão em direção ao novo traçado, aponta uma ameaça ao destino da área de produção agrícola de Natuba que margeia parte desta rodovia. Firmando esta tendência, estão sendo instaladas as margens da rodovia novos equipamentos comerciais e de serviços o

principal deles é o novo Campus da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), localizado no município.

### 3. A Pequena Produção Agrícola, o Engenho Galiléia e as Ligas Camponesas

*"Agitador, sim! Como é possível conceber a vida sem agitação? Porque o vento agita a planta, o pólen se une ao pólen de onde nasce o fruto e se abotoa a espiga que amadurece nas searas. O gameto masculino busca o óvulo porque há uma causa que o agita. Se o coração não se agita, o sangue não circula e a vida se apaga."*  
**(Francisco Julião, Cambão).**

Este capítulo relata o contexto de Vitória de Santo Antão a partir da década de 50 do século XX, quando se iniciaram as Ligas Camponesas no Engenho Galiléia, localizado no município. Tal movimento influenciou o contexto rural nacional das décadas de 50 e 60, deixando inclusive a semente plantada para os movimentos de luta pela reforma agrária que surgiram após o fim da ditadura militar como o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), CPT (Comissão da Pastoral da Terra), FETAPE (Federação dos Trabalhadores Agrícolas do Estado de Pernambuco), dentre vários outros grupos espalhados pelo Brasil que brigam, atualmente, por uma reforma agrária que beneficie os pequenos produtores agrícolas, tentando inclusive diminuir a disparidade social existente entre os grandes proprietários rurais – usineiros e outros industriais rurais – e os pequenos agricultores – que realizam a cultura de subsistência e a venda do excedente.

### 3.1 O Papel das Ligas Camponesas na Manutenção da Pequena Produção Agrícola no Município

Devido aos baixos preços dos derivados da cana-de-açúcar no mercado internacional e a pouca tecnologia empregada nessa produção, áreas antes destinadas à produção da cana ou devolutas acabaram cedendo espaço para o estabelecimento das pequenas lavouras sobre o sistema de foro, onde o lavrador explorava a terra para a sua subsistência e ainda comercializava o excedente pagando uma taxa – o foro – ao proprietário do lote, em geral empresários latifundiários<sup>15</sup>.

Porém, após a Segunda Guerra Mundial, o processo do capitalismo no Brasil sofreu um impulso acelerador esta expansão, atrelada às novas técnicas agregadas no setor agrícola e em especial ao canavieiro, beneficiou, sobretudo, as classes dominantes, provocando uma política de espoliação das massas trabalhadoras e a conseqüente reação destas, que se organizaram em ligas e sindicatos rurais.<sup>16</sup> Locais antes destinados à pequena produção de subsistência, através dos foreiros, passaram a destinar-se às produções comerciais exportáveis, como a própria cana-de-açúcar, na Zona da Mata Pernambucana.

O movimento das Ligas Camponesas, iniciado em Vitória de Santo Antão é fruto das contradições desse novo contexto capitalista do mercado

---

<sup>15</sup> ANDRADE, Manuel Correia. *Lutas Camponesas no Nordeste*.

<sup>16</sup> ANDRADE, Manuel Correia. *Lutas Camponesas no Nordeste*.

nacional e internacional, associado a uma política iniciante no Brasil - após os 10 anos de ditadura do governo Vargas - de maiores garantias democráticas.

Apesar desse processo inicial de maior liberdade democrática, no fim da década de 40 e no decorrer da de 50, ainda era muito difícil para os trabalhadores agrícolas organizarem-se em sindicatos. Uma das causas de tal fato dava-se em função da pressão exercida pelos latifundiários sobre o poder público, uma vez que estes dois elementos – poder público e latifundiários - se encontravam intimamente atrelados, fazendo com que o Ministério do Trabalho gerasse empecilhos à consolidação do movimento sindical rural.

Com o intuito de delinear o movimento social rural, o Partido Comunista do Brasil (PCB) ajudou os camponeses a se estabelecerem em associações registradas em cartório. Essas associações aglutinavam especialmente plantadores de legumes que estavam ameaçados de expulsão das terras arrendadas<sup>17</sup>. Essas associações por vezes também foram denominadas de Ligas Camponesas, sendo a mais conhecida a fundada no Engenho Galiléia, em Vitória de Santo Antão.

O início do movimento em Santo Antão deu-se em primeiro de janeiro de 1955, quando os trabalhadores agrícolas do Engenho Galiléia, em Vitória de Santo Antão, criaram a Sociedade Agrícola e Pecuária de Plantadores de Pernambuco (SAPPP) e convidaram a ser o presidente de honra o dono da propriedade, o Sr. Oscar de Arruda Beltrão<sup>18</sup>. Este, a princípio, aceitou o

---

<sup>17</sup> ANDRADE, Manuel Correia. *Lutas Camponesas no Nordeste*.

<sup>18</sup> SANTIAGO, Vandek. *Francisco Julião, as Ligas e o golpe militar de 64*.

convite para assumir tal honraria na Sociedade, já que esta se propunha apenas a atender questões assistencialistas. Dentre as viabilizações assistências planejadas para os trabalhadores rurais estava a tentativa de realizar “enterros completos” para os seus mortos, uma vez que as famílias desses camponeses não tinham condições para concretizar a compra do caixão. A prefeitura concedia o caixão, mas apenas em caráter de empréstimo, ou seja, ao final da cerimônia o defunto deveria ser enterrado apenas na cova e o caixão devolvido à prefeitura a fim de servir aos demais enterros no município. Devido ao uso freqüente do mesmo caixão em diversas cerimônias este ganhou até um apelido, Loló.<sup>19</sup>

A SAPPP, apesar de ter suas intenções iniciais apenas cunho assistencialista, mudou radicalmente a posição quando o proprietário do Galiléia tentou expulsar os foreiros do local. Tal mudança de posicionamento por parte do Sr. Beltrão deu-se após o mesmo ter sido alertado pelos proprietários dos engenhos vizinhos – Sadir Pinto de Rego, dono do engenho Surubim, e Constêncio Maranhão, dono do engenho Tamatamirim<sup>20</sup> - de uma possível mobilização revolucionária dessa associação e de uma expansão aos engenhos vizinhos.

Como estes trabalhadores já estavam organizados sob a liderança do fundador, José dos Prazeres, vieram ao Recife em busca de apoio jurídico e político para a permanência no local. Contataram então com o advogado e então Deputado Estadual pelo Partido Socialista Brasileiro, Francisco Julião,

---

<sup>19</sup> SANTIAGO, Vandek. *Francisco Julião, as Ligas e o golpe militar de 64.*

<sup>20</sup> MORAIS, Clodomir Santos de. *A questão agrária no Brasil: história e natureza das Ligas Camponesas 1954-1964*/João Pedro Stedile(org.).

que deu todo o apoio ao movimento. A partir daí *foram organizadas as irmãs em outros município e estados, dando ao movimento uma projeção nacional.*<sup>21</sup>



Fotografia 04

Julião acabou tornando-se um ícone da luta camponesa e abraçou a causa dos trabalhadores rurais, não só do Engenho Galiléia, mas de todos os trabalhadores agrícolas e da reforma agrária no Brasil, sendo, ainda hoje citado em manifestações dos trabalhadores rurais em todo o Brasil. Por sua forma paciente e humilde em receber e escutar os camponeses em sua casa, distribuindo inclusive favores, dinheiro, além de suas medidas junto ao movimento rural fez Julião ganhar o título de presidente de honra das Ligas Camponesas<sup>22</sup>. A organização e a luta do Galiléia sob a liderança de Julião

---

<sup>21</sup> ANDRADE, Manuel Correia. *Lutas Camponesas no Nordeste*.

<sup>22</sup> MORAIS, Clodomir Santos de. *A questão agrária no Brasil: história e natureza das Ligas Camponesas 1954-1964*/João Pedro Stedile(org.).

chamou a atenção da sociedade brasileira e transferiu para o campo o palco dos conflitos e dos interesses sociais.

Apesar do esforço de Julião desde 1955 para desapropriar o Engenho, só em 1959, o então governador do Estado de Pernambuco, Cid Sampaio, concedeu a desapropriação dos 503 hectares do Galiléia. O movimento das 140 famílias residentes no engenho ficou conhecido como Ligas Camponesas, esse nome porém, não foi concebido pelos “galiléios”, mas sim pela imprensa, a fim de dar um caráter pejorativo ao movimento.<sup>23</sup>

Divergindo do pensamento capitalista - que despoja os produtores dos meios de produção - típico da cultura ocidental europeia e americana e pelas culturas dos países colonizados, os membros da Liga começavam a exprimir a idéia do quanto é absurda a concentração de terras no Brasil, afirmando inclusive que tal fato social era considerado uma afronta a um sistema democrático. Os membros das Ligas lutavam por uma reforma agrária de base, com uma melhor distribuição de terra – ou seja, meios produtivos - entre os trabalhadores do campo - produtores.

Apesar da desapropriação - ocorrida em 1959 - a integração de posse não foi dada de imediatos aos trabalhadores, pois tentou-se fazer um estudo sobre qual seria a forma mais justa de distribuição dos 503 hectares – o que teria sido um boa medida se não fosse a burocracia e a demora na realização do estudo. A titulação de posse, porém, só se efetivou em setembro de 1993,

---

<sup>23</sup> SANTIAGO, Vandek. *Francisco Julião, as Ligas e o golpe militar de 64*.

na gestão do governador Joaquim Francisco, beneficiando a princípio as 140 famílias. Assim como outras áreas do município destinadas a pequena produção agrícola, o território do engenho Galiléia também sofreu mais fragmentações e hoje abriga 241 família<sup>24</sup> na mesma área da desapropriação. Os 503 hectares do antigo engenho e atual bairro de Galiléia beneficia diretamente aproximadamente 1.000 pessoas.

Como curiosidade sobre a emissão do título de posse dos trabalhadores do Galiléia, foi possível constatar nos trabalhos de campo que dois dos trabalhadores da área do antigo Engenho atribuíram a Arraes e não a Joaquim Francisco tal emissão de posse, afirmando inclusive que foi Arraes o responsável pela forma de parcelamento da terra.

Mesmo com todo o contexto histórico de um passado de luta pela terra e por uma reforma agrária mais justa, pouco há de herança desse ideal na mentalidade dos trabalhadores locados na área do antigo engenho. Uma das causas dessa mudança radical no comportamento dos trabalhadores do Galiléia deu-se ainda no fervor do movimento das Ligas no Brasil, quando:

*“o Estado passou a administrar o engenho Galiléia e a absorver as ambições de seus camponeses. Reduzidos a proprietários tutelados pelo governo estadual, os camponeses do Galiléia foram perdendo o interesse pela luta camponesa. (...) A Liga da Galiléia, em 1961, já estava, pois, reduzida a umas*

---

<sup>24</sup> SANTIAGO, Vandec. *Francisco Julião, as Ligas e o golpe de 64*.

*poucas dezenas de sócios desunidos, brigando entre si, pelo fato de que este tinha um caminhão ou aquele tinha um jipe. O Poder Público os havia corrompido e havia transformado, em parte, as atitudes políticas daqueles camponeses.” (MORAIS, Clodomir Santos de. A questão agrária no Brasil: história e natureza das Ligas Camponesas 1954-1964/João Pedro Stedile(org.)).*

Essa mudança no pensamento ideológico dos moradores do engenho de certa forma se repete ainda hoje entre os trabalhadores agrícolas do local. Em entrevista com um trabalhador agrícola mais antigo, Seu Pedro, de 78 anos, foi possível analisar em seu diálogo o pedido direto de ajuda, fosse qual fosse, como mostra a transcrição de parte de diálogo que segue abaixo:

Pedro: A senhora é da SUDENE é?

Rita: Não, sou aluna da Universidade Federal, seu Pedro.

Pedro: Se não trabalha para a SUDENE, vai trabalhar quando ela abrir de novo. Tão dizendo que ela vai funcionar... Esse celular que você tem aí na sua mão, num vai me dá não?

Rita: (risos) Não posso Seu Pedro, como é que eu vou me comunicar com as pessoas...

Pedro: Quer dizer que eu falei, falei, falei bem muito aqui pra senhora e não vou ganhar nada, nem a máquina – fotográfica – que tá na sua mão?

(Entrevista feita por Maria Rita Machado, em maio de 2006).

O sistema assistencialista implantado na área do engenho, ainda no período de fervor do movimento das Ligas no Brasil, agregado ao fato da necessidade do empenho do trabalho para atender ao mercado consumidor fez diluir, até desaparecer, a consciência de luta por um sistema agrícola mais justo. No local onde serviu de exemplo na década de 50 e 60, para o início de uma batalha para reformular o sistema latifundiário vigente e proporcionar uma divisão mais justa da terra, perdura hoje a lembrança de um momento histórico imprescindível para o movimento rural, sendo lembrado apenas como um exemplo do passado.

### 3.2 Apesar da Luta a Predominância do Latifúndio

Apesar da resistência pela manutenção das pequenas propriedades agrícolas, estas, mesmo somadas, ainda ocupam uma base territorial bastante inferior em relação às áreas destinadas aos latifúndios existentes no município.

A concentração fundiária existente na região é consequência do caráter essencialmente comercial da agricultura nordestina desde o início da colonização e que hoje ainda se manifesta, apesar das mudanças conjunturais do país, como o crescimento da classe média e do mercado interno. Uma das causas da perpetuação desse caráter comercial e latifundiário da agricultura brasileira é feita através:

*“da proteção dispensada pelos órgãos governamentais à grande lavoura – à cana-de-açúcar, ao café, ao cacau etc. – e ao completo*

*desprezo às lavouras de subsistências ou “lavouras de pobre”, como se diz frequentemente no Nordeste. As primeiras tem crédito fácil, garantia de preços mínimos, assistência de estações experimentais, comercialização organizada etc., enquanto as segundas são abandonadas ao crédito fornecido por agiotas, às tremendas oscilações de preço entre a safra e a entressafra e à ganância dos intermediários.”* (ANDRADE, Manuel Correia de. A terra e o homem no Nordeste: Contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste).

A confirmação da predominância do latifúndio no município vem através dos seguintes dados fornecidos pelo INCRA 95/96, sobre Imóveis Rurais no município de Vitória:

#### **IMÓVEIS RURAIS**

<b>Imóveis</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Área (ha)</b>
0 a 10 há	930	3587.8
10 a 100 há	151	3882.6
100 a 1000 há	39	12613.0
Mais de 1000 há	2	3546.1
<b>Total</b>	<b>1122</b>	<b>23629.5</b>

Fonte: INCRA 95/96.

Tabela 01

Se somarmos a área dos 930 imóveis de 0 a 10 hectares, a área total dos imóveis de 10 a 100 hectares termos uma área total de 7470,4 hectares, não chegando portanto a metade da área destinada aos imóveis rurais de maior dimensão – de 100 hectares em diante – que somam uma área total de 16159,1 hectares, em apenas 41 propriedades.

Só a produção de cana-de-açúcar – produto largamente cultivado pelos latifúndios – tem uma produção, segundo os dados do IBGE de 1998 de 350.000 toneladas, uma produção muito acima das demais culturas realizadas no município. A tabela a seguir mostra a relação da produção da cana com os demais produtos agrícolas cultivados no município.

	<b>QUANTIDADE</b>	<b>PRODUZIDA</b>	<b>POR</b>	<b>CULTURAS</b>
	<b>AGRÍCOLAS</b>			
	Obs: (1) Toneladas, (2) Mil frutos, (3) Mil Cachos			
Temporárias	Batata Doce (1)	210		
	Cana de açúcar (1)	350000		
	Feijão em grão (1)	85		
	Mandioca (1)	4900		
	Milho em grão (1)	200		
Permanentes	Abacate(2)	14		
	Coco (2)	210		
	Mamão (2)	70		
	Maracujá (2)	1000		
	Banana cachos(3)	198		
	Laranjas(2)	300		
	Manga(2)	1040		
	Tangerina(2)	450		

IBGE / 1998

Tabela 02

### **ESTABELECIMENTOS AGROPECUÁRIOS**

Lavoura Temporária	408	24.6 %
Lavoura Permanente	310	18.7 %
Pecuária	122	7.3 %
Produção Mista	81	4.9 %
Horticultura	737	44.4 %
Silvicultura e Expl.Florestal	2	0.1 %
Pesca e Aquicultura	1	0.1 %
Produção de Carvão Vegetal	0	0.0 %
Total de Estabelecimentos	1661	

IBGE-95/96

Tabela 03

Essa disparidade entre as produções não tira, no entanto, o mérito e a importância econômica das pequenas produções agrícolas para o município, uma vez que esta é responsável pela sobrevivência econômica e social de centenas de famílias.

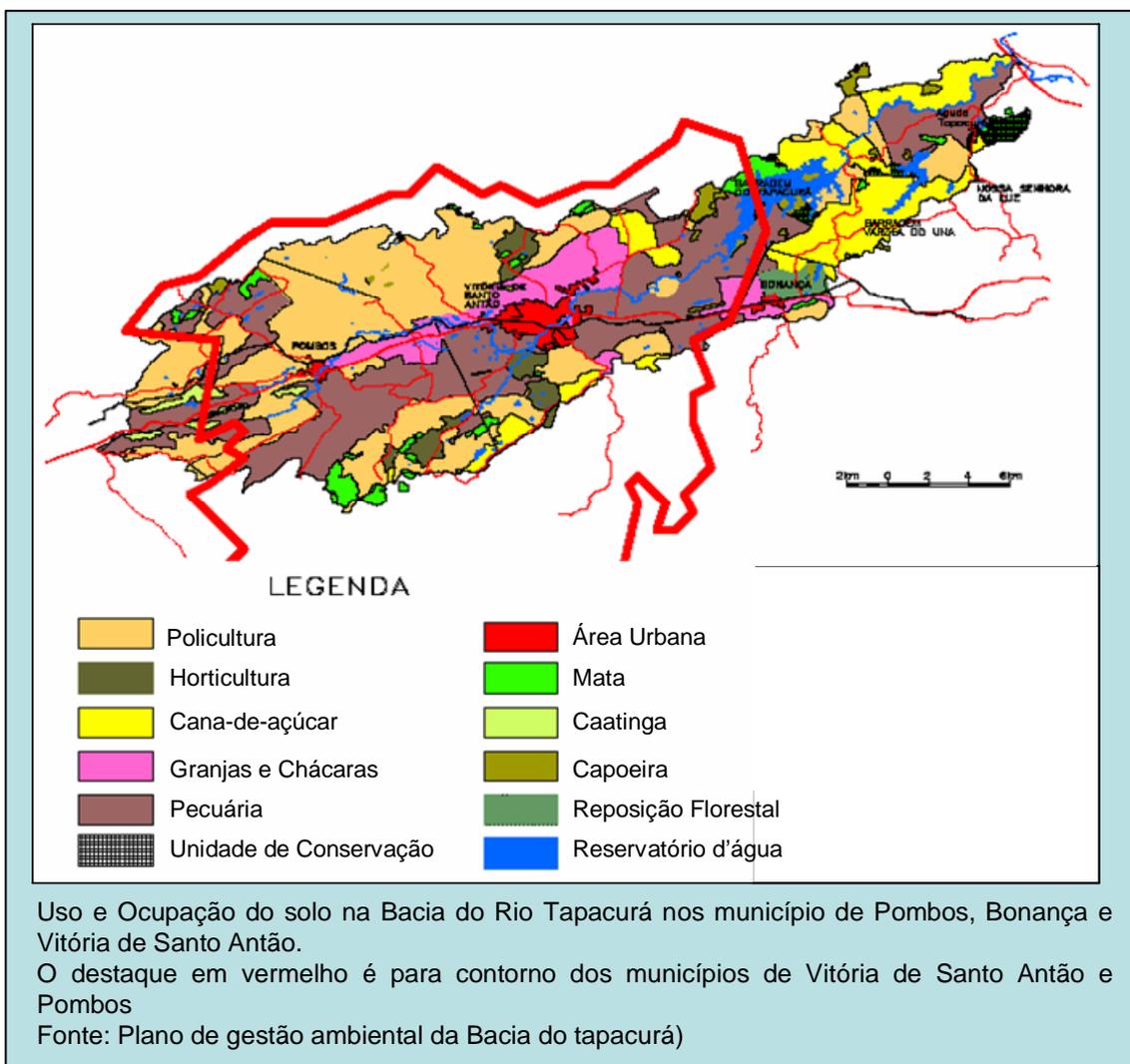
### 3.3 A Atual Configuração da Pequena Produção Agrícola no Município

Como já foi parcialmente mostrado no mapa do uso e ocupação do solo de Vitória de Santo Antão, este município apresenta em seu território uma área extensa de policultura e horticultura que são bastante relevantes para a economia local.

A produção de horticultura está concentrada especialmente:

*“...em pequenas áreas localizadas ao norte e ao sul da cidade de Vitória e na parte sudeste do município de Pombos. É praticada em terraços fluviais. As localidades ao norte da cidade de Vitória possuem abundância de fontes de água. A atividade hortícola é praticada em pequenas propriedades onde existem glebas de 1.500 m<sup>2</sup> a 3 hectares (30.000 m<sup>2</sup>). O cultivo é feito com irrigação. A venda dos produtos é feita nas centrais de Abastecimento de Vitória e do Recife.” (Plano Diretor de Vitória de Santo Antão. Recife, dezembro / 2002).*

A espacialização dessas pequenas propriedades dentro de uma área de irrigação pode ser melhor analisada no mapa a seguir (mapa 5), onde mostra o uso e a ocupação do solo na bacia do rio Tapacurá.



Mapa 05

Na foto esquematizada abaixo, é possível perceber a pequena dimensão dos lotes da produção de horticulturas na área de Natuba. Segundo a constatação em campo os lotes da área de Natuba são menores que os do Galiléia.



Vista parcial da área de pequena produção comercial de Natuba. As delimitações em vermelho são de três lotes visíveis na imagem. Marcada de amarelo a BR – 323. A casinha com o número 11.160 corresponde apenas a um local para guardar materiais e não a uma residência. (Foto: Maria Rita Machado / maio de 2006.)

Fotografia 05

Com o intuito de obter um panorama geral da pequena produção agrícola comercial no município, foram realizadas entrevistas não só com os proprietários dos pequenos lotes, mas também com os trabalhadores que prestam os seus serviços a esses proprietários nas áreas dos bairros de Natuba – *que tem como localização o ponto inicial até “Rio Tapacurá”, “Riacho Natuba”, “Limite Urbano”, “Estrada para Morisco”, “Riacho Miringabas”, “Rio Tapacurá”, até o ponto inicial*<sup>25</sup> - e do antigo Engenho Galiléia, hoje bairro Galiléia – *que tem sua localização do ponto inicial até a “PE – 45”. “Limite Urbano”, Reta que acompanha a “Rede Elétrica de Alta Tensão”, “Antigo Limite*

<sup>25</sup> DIVISÃO DE BAIRROS / Prefeitura Municipal de Vitória de Santo Antão / Secretaria de Administração.

*Urbano” (no limite dos Fundos dos Loteamentos Núcleo Residencial Mário Bezerra, Real Vitória e Alvorada), até o ponto inicial<sup>26</sup>.*

Através dessas entrevistas foi constatado que essas áreas – Natuba e Galiléia - possuem algumas características diferentes. Em Natuba, pouco se usa a mão-de-obra familiar e não se reside no local de trabalho, – na área onde é feito o cultivo – em geral, tanto os prestadores de serviço, como os proprietários dos lotes, residem nos pontos mais diversos do município de Vitória, inclusive no centro urbano. Os parentes diretos – mulher e filhos - do proprietário do lote, em geral, têm um trabalho não ligado à produção de horticultura. O trabalhador agrícola de Natuba que não é proprietário de um lote é contratado para prestar seu serviço em forma de empreitada (trabalho ajustado para pagamento do total do serviço) e não por diárias ou salário. Ainda segundo entrevistas realizadas no local, esses trabalhadores de empreitada em alguns casos acabam prestando seus serviços a mais de um lote, e em outros casos também oferecem os seus préstimos às usinas localizadas no município em determinadas épocas do ano.

---

<sup>26</sup> DIVISÃO DE BAIROS / Prefeitura Municipal de Vitória de Santo Antão / Secretaria de Administração.



Fotografia 06

Apesar da constatação da pouca utilização da mão-de-obra familiar nessas pequenas produções comerciais em Natuba, foi possível encontrar um caso onde um familiar trabalhava indiretamente na produção, porém, no papel de atravessador. Durante uma das visitas à área de produção de Natuba, encontramos o filho de um dos donos de um lote recolhendo as verduras e colocando-as no caminhão. Apesar de não ter trabalhado braçalmente no cultivo, sua função era comprar e levar a produção – a do lote do seu pai e também, de alguns outros lotes - para um segundo atravessador que realizaria a distribuição. Segundo o pai do atravessador, após passar a produção para o segundo atravessador, os produtos seguiriam para uma rede de supermercados a qual não soube – ou não quis - informar o nome.

Já na área de Galiléia, o trabalho familiar é encontrado em maior frequência e a maioria dos produtores reside em casas no próprio local do cultivo.



Residência de um antigo morador da área do antigo Engenho Galiléia, na área em frente a sua casa a plantação que ele e seus dois filhos genros e netos tiram o sustento.

Foto: Maria Rita Machado / dezembro de 2006.

Fotografia 07

A foto acima é referente a três residências – uma a extrema esquerda e cortada na foto - é um pequeno armazém – a terceira construção da direita para a esquerda – usado para a estocagem da produção. A área de produção em frente às casas dá o sustento de aproximadamente 14 pessoas, todos familiares. O proprietário deste lote - assim como os demais proprietários das duas áreas trabalhadas - não soube informar qual a área total de sua propriedade, informando apenas através de referências visuais o tamanho: *“Vai até aquele pé-de-pau”* ou *“vai até aquela cova de coentro”*.

Sobre o papel dos atravessadores, no entanto, todos os trabalhadores de ambas as áreas – Natuba e Galiléia – viram como sendo positiva, pois vêm

os atravessadores como agentes que possibilitam um “lucro garantido” e ainda faz com que eles economizem tempo.

No tocante à remuneração, em entrevista com uma proprietária da área de Natuba - a única que afirmou o valor médio conseguido com o trabalho - foi possível perceber que a renda mensal conseguida nesta atividade é satisfatória, especialmente se levarmos em consideração a renda média da população do município.

Segundo a entrevistada, Janete Venâncio, - mais conhecida como Jane, de 32 anos - consegue um lucro que varia em média de 100,00 a 350,00 reais por semana e comenta: “Às vezes consegue até mais”. Ela ainda contrata semanalmente dois trabalhadores de empreitada para ajudá-la.

Tendo em vista que o lote da entrevistada era o menor entre os 20 em que os proprietários ou empreiteiros foram entrevistados, – curiosamente a entrevistada também foi a única mulher encontrada durante as entrevistas que era a proprietária do lote e o comandava sozinha – o lucro médio dos trabalhadores das áreas de Natuba e Galiléia deve ser ainda superior.

Diante panorama financeiro dado acima, podemos dizer, quando o comparamos com os quadros informativos abaixo, que a renda média dos trabalhadores das pequenas produções agrícolas é superior à renda média mensal da população do município de Vitória de Santo Antão.

## RENDA MÉDIA DA POPULAÇÃO

<b>Renda</b>	Renda nominal média mensal do chefe de domicílio: R\$ 368,41 Renda média mensal do chefe de domicílio em S. Mínimo: 2,44 Obs.: Salário mínimo utilizado em julho de 2000: R\$ 151,00
--------------	--

Fonte: IBGE / 2000

Tabela 04

## INDICADORES PER CAPTA

Receita per capita .....	:126 Reais (Receita total municipal por habitantes)
Despesa de Capital per capita .....	: 16 Reais (Capacidade de produção por habitante)

Fonte: IBGE / BIM / 96

Tabela 05

Enquanto a média dos proventos dos trabalhadores da pequena agricultura está entre 400,00 e 1.400,00 reais de lucro, (segundo a constatação a partir da pesquisa de campo) a renda média dos chefes de domicílio está em torno de R\$368,41.

Apesar de os proprietários dos pequenos lotes agrícolas não afirmarem em média quanto conseguem ganhar mensalmente, - com exceção da entrevistada - apenas um dos entrevistados não se mostrou satisfeito com o valor conseguido com o trabalho para sustentar a família. Porém, apesar desses trabalhadores conseguirem um provento satisfatório para as suas necessidades e acima da média da renda do município o nível de vida desses trabalhadores ainda é muito inferior em comparação ao dos latifundiários. Essa disparidade é inclusive um dos motivos da luta dos movimentos rurais atuais que apontam a possibilidade desses trabalhadores terem um rendimento e uma qualidade de vida superior. A dificuldade ou ausência de crédito, a precária ou inexistente assistência técnica e a falta de medidas de proteção para assegurar um preço mínimo às culturas produzidas, como se fez – e ainda faz – com as

grandes produções agrícolas de exportação, como a cana e o café, são os principais responsáveis por essa distorção.

Ainda mostrando o panorama atual da pequena produção agrícola no Município de Vitória de Santo Antão, temos que, apesar da pouca aproximação dos parentes diretos no trabalho braçal em Natuba, na maioria dos lotes ficam de pai para filho, ou seja, muitos dos lotes foram herdados do pai do atual produtor e esses pretendem deixar o lote para um dos seus filhos.

Quanto à importância desses trabalhadores e desta atividade para o município, se faz necessário uma análise prévia das tabelas sobre as atividades econômicas locais.

#### **PRINCIPAIS ATIVIDADES ECONÔMICAS SEGUNDO A PEA ACUPADA**

<b>Principais Atividades Econômicas</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>	<b>%s/PE</b>
Comércio, Reparação de Veículos e objetos	9.675	25,8	2,1
Agropecuária	8.010	21,4	1,2
Indústria de transformação	3.279	8,8	1,2
Total da PEA ocupada	37.466	100,0	1,4

Fonte: IBGE – CENSO 2000 Primeiros Resultados da Amostra

Tabela 06

#### **EMPREGADOS E ESTABELECIMENTOS POR SETOR DE ATIVIDADE**

<b>Setor de atividade Econômica</b>	<b>Empregados</b>	<b>%</b>	<b>Estabelec.</b>	<b>%</b>
Extrativa mineral	39	0,5	2	0,3
Indústria de transformação	1.356	17,6	77	10,8
Serviços industr de utilidade pública	102	1,3	2	0,3
Construção civil	53	0,7	23	3,2
Comércio	2.027	26,2	393	54,9
Serviços	1.061	13,7	137	19,1
Administração Pública	1.381	17,9	4	0,6
Agropec., extr vegetal, caça e pesca	1.705	22,1	78	10,9
Total	7.724	100,0	716	100,0

Fonte: IBGE – CENSO 2000 Primeiros Resultados da Amostra.

Tabela 07

De acordo com as tabelas acima, a agropecuária é a segunda atividade que mais absorve mão-de-obra no município, perdendo apenas para o comércio. Uma das causas de tal acontecimento é o caráter adquirido por essas unidades agrícolas no município, segundo SILVA são unidades agrícolas que:

*“...na atualidade, figura essencialmente como produção mercantil ou semimercantil e, independentemente, do grau de vinculação que tenha com o mercado, desempenha, nos quadros social e econômico, um papel relevante na criação de riqueza. “ (SILVA, Alzenir Severina da. Quando os "pequenos" resistem no espaço dos "grandes" criação e recriação da agricultura familiar em Pacas - Vitória de Santo Antão – PE).*

Analisando a essência corrente desses trabalhadores, SILVA mostra em sua citação o que foi possível encontrar em campo: a mudança do perfil do pequeno agricultor, este foi deixando gradativamente de ser um camponês apaixonado pela terra e passou a ver a atividade agrícola apenas como um empreendimento lucrativo.

## 4. A Conceituação de Rural e Urbano e as Suas Relações

*Quanto ao campo, é este um lugar de produção e de obras. A produção agrícola faz nascer produtos; a paisagem é uma obra. Esta obra emerge de uma terra lentamente modelada, originalmente ligada aos grupos que a ocupam através de uma recíproca sacralização que é a seguir profanada pela cidade e pela vida urbana. (LEFEBVRE, Henry. O direito a cidade).*

Durante séculos o Brasil como um todo foi um país agrário, um país “essencialmente agrícola”<sup>27</sup>, estando, portanto, a sua base histórica alicerçada no agromercantilismo, de área territorial extensa<sup>28</sup> e de características rurais. Essa base tinha inicialmente a casa-grande, a senzala e o comércio com a metrópole como pilares para a manutenção deste tipo de economia do início da história colonial do Brasil, sendo o segundo pilar – a senzala – o corpo responsável pela execução da produção. Produção esta destinada a fornecer ao comércio europeu alguns gêneros tropicais de grande importância como: o açúcar, o algodão, o cacau, dentre outros. Toda a economia brasileira se subordinava, portanto, a este fim<sup>29</sup> – atender ao mercado europeu.

A vida da colônia portuguesa no além-mar transpirava ruralidade. Os engenhos eram auto-suficientes e por isso seus habitantes pouco mantinham contato com outras localidades, dificultando inclusive a formação de cidades.

---

<sup>27</sup> SANTOS, Milton. *A Urbanização Brasileira*.

<sup>28</sup> PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*.

<sup>29</sup> IDEM.

Existiam apenas povoados isolados uns dos outros e a existência de um mercado nacional e mesmo regional era muito precária, devido às dificuldades de locomoção, comunicação e mesmo pela própria finalidade das produções que aqui eram realizadas.

O surgimento em maior intensidade da cultura do algodão, ajudou no florescimento de algumas cidades no Nordeste, (o algodão começou a disputar espaço com a extensiva e já consolidada lavoura canavieira, que passa até hoje por sucessivas crises, tendo sido a primeira gerada pela concorrência do açúcar das Antilhas, produzida pelos expulsos holandeses) e se deu graças a descoberta da máquina a vapor - na Europa – fazendo com que o algodão passasse a ser mais largamente consumido na Europa pela florescente indústria de tecidos.<sup>30</sup>

A abertura do mercado consumidor europeu do Nordeste deu-se, no entanto, em função da Guerra de Secessão nos Estados Unidos, que era o principal mercado fornecedor de algodão para Inglaterra – principal mercado consumidor. Com os Estados Unidos em crise, o Brasil começa a produzir algodão com o intuito de abastecer esse mercado e obter para a metrópole – Portugal - maiores lucros, uma vez que era ela quem intermediava a venda para a Inglaterra – a princípio.

Assim como a cana-de-açúcar, o algodão tinha as suas áreas onde sua adaptação era melhor, porém, devido à necessidade de se localizar o mais

---

<sup>30</sup> ANDRADE, Manuel Correia. *A terra e o homem no Nordeste. Uma contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste.*

próximo possível do porto, o algodão foi entrando por áreas onde antes imperava apenas cana. E como já foi comentado no capítulo anterior, a feira de Vitória de Santo Antão era um centro de distribuição de inúmeros produtos e não foi diferente com o algodão. Sobre a espacialização do algodão no Nordeste e a sua utilização comenta ANDRADE:

*“Conforme as solicitações do mercado externo e a oscilação dos preços, a cana-de-açúcar, partindo das áreas mais úmidas onde dominava por áreas de clima menos úmido, que por sua vez eram disputadas pelo algodão, dominante nas regiões semi-áridas, quando os preços e os do açúcar baixavam. O algodão ainda alimentava importante fabricação de tecidos ordinários largamente consumidos no País e muito vendidos na feira de Santo Antão.” (ANDRADE, Manoel Correia. A terra e o homem no Nordeste. Uma contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste.)*

Essa produção agrícola do algodão, devido a sua valorização na Europa, acabou por ser estimulada no Brasil por Portugal, em 1751. Esta cultura se mostrava, no entanto, mais democrática que a cana, por ser o algodão uma planta de trato fácil e barato, permitindo a associação com outras culturas de subsistência como o feijão, a fava e o milho. A produção algodoeira no Nordeste também possibilitou a inserção de trabalhadores assalariados e de pequenos agricultores nesta atividade comercial. Foi ele também um dos responsáveis pelo processo de afloramento da urbanização no Nordeste, segundo ANDRADE, o algodão teve:

*“A industrialização mais barata e menos urgente que a cana colocou o beneficiamento do algodão na mão de comerciantes que, com suas bolandeiras, a princípio e seus descaroçadores, depois, estabeleciam-se em cidades, vilas e povoações, passando a comprar a matéria-prima ao agricultor para vendê-la, após beneficiamento, aos exportadores. Daí ter contribuído desde os primeiros tempos para o desenvolvimento da vida urbana, ao contrário do que ocorria com a cana-de-açúcar.”* (ANDRADE, Manuel Correia. A terra e o homem no Nordeste. Uma contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste.).

E assim foi surgindo e crescendo a urbanização no Nordeste, embasada nas atividades rurais e em função de atender a essas necessidades. Os senhores de engenho do Nordeste não viveram o mesmo momento histórico do café, onde os barões, em São Paulo, tiveram a oportunidade de investir em novos negócios - no século XVIII – como: a abertura de bancos e indústrias<sup>31</sup>. Talvez por isso, seja possível encontrar com mais frequência características rurais nos centros urbanos do Nordeste como em Recife, Fortaleza e Salvador, do que no centro urbano de São Paulo, onde os Barões e suas respectivas famílias residiam geralmente nos centros urbanos e iam aos cafezais apenas em determinadas épocas<sup>32</sup>. É apenas a partir do século XVIII que a urbanização se desenvolve com mais afinco transformando a casa da cidade a

---

<sup>31</sup> SINGER, Paul. Desenvolvimento. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana.*

<sup>32</sup> IDEM.

*residência mais importante do fazendeiro ou do senhor de engenho, que só vai à sua propriedade rural no momento do corte e da moenda da cana*<sup>33</sup>

Apesar dessa migração dos senhores de engenho, dos barões de café e suas famílias, a população urbana pouco cresceu no período colonial e imperial do Brasil. Entre 1890 e 1920, por exemplo, a taxa de urbanização passou de 6,8% para 10,7%, um crescimento pequeno se comparado com as duas décadas seguintes (1920-1940), onde a população das cidades passou de 4,552 milhões de pessoas, para 6.208.699, tendo a taxa de urbanização chegado, ao fim desse período, a 31,24%.<sup>34</sup>

Essa mudança no padrão populacional brasileiro deu-se após a Segunda Guerra Mundial, houve no Brasil um crescimento acelerado da população – devido à alta taxa de natalidade, a diminuição das taxas de mortalidade infantil e o aumento da expectativa de vida – juntamente com o aumento vertiginoso da taxa de urbanização brasileira, que segundo os dados do IBGE/1990 era de 77%, sendo esta mesma taxa em Vitória de Santo Antão de 84,5%, dez anos depois segundo o IBGE / 2000.

Apesar de o município ter a atividade agrícola como uma das suas atividades predominantes e agregando muitos trabalhadores, parte significativa desses – como já foi relatado em capítulo anterior – não reside no local ou mesmo próximo ao seu local de trabalho. Sendo, portanto, a população agrícola maior que a rural *porque uma parte da população agrícola formada por*

---

<sup>33</sup> BASTIDE, Roger. *Brasil, terra de contrastes*. São Paulo: 1959.

<sup>34</sup> SANTOS, Milton. *A Urbanização Brasileira*.

*trabalhadores do campo estacionais (os bóias-frias) é urbana pela residência*<sup>35</sup>.

Não são só os bóias-frias que residem nos centros urbanos. Muitos dos mais variados trabalhadores agrícolas – ou do setor primário – realizam esse trajeto de trabalhar em áreas agrícolas e residir em centros urbanos próximos.

Umas das causas do forte processo de urbanização do Brasil foi a migração de antigos trabalhadores rurais para as cidades devido ao processo de industrialização do campo e à proletarização dos camponeses agrícolas. As áreas da grande lavoura que antes destinavam parte de seu território para a moradia de seus trabalhadores passaram a dar lugar às grandes culturas. Estes trabalhadores foram, portanto, obrigados a migrarem para as cidades mais próximas a fim de ceder espaço para as plantações. Com isso agregaram conseqüentemente valores tipicamente urbanos, mas mantendo a importância da produção agrícola no país.

Vitória de Santo Antão manteve a mesma linha de configuração agrária como mostra a tabela de distribuição da população por situação de domicílio no município.

---

<sup>35</sup> GRAZIANO DA SILVA, José. *O cenário esperado: A Industrialização e a Urbanização da Agricultura Brasileira*. Comunicação ao Seminário Brasil Século XXI. Campinas, abril.

**DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR SITUAÇÃO DE DOMICÍLIO**

<b>Município, distritos e bairros</b>	<b>Total</b>	<b>Urbana</b>	<b>%</b>	<b>Rural</b>	<b>%</b>
Vitória de Santo Antão	117609	99 342	84,5	18267	15,5
Pirituba	8172	1273	15,6	6899	84,4
Vitória de Santo Antão	109437	98069	89,6	11368	10,4
Bairros					
Água Branca	2792	2792	100,00	-	0
Alto José Leal	6600	6600	100,00	-	0
Bela Vista	10085	10085	100,00	-	0
Bento Velho	11	11	100,00	-	0
Caiçara	1734	1734	100,00	-	0
Cajá	7331	7331	100,00	-	0
Cajueiro	1960	1960	100,00	-	0
Campinas	393	393	100,00	-	0
Centro	2735	2735	100,00	-	0
Conceição	2347	2347	100,00	-	0
Espírito Santo	67	67	100,00	-	0
Figueiras	66	66	100,00	-	0
Galiléia	58	58	100,00	-	0
Jardim Ipiranga	7889	7889	100,00	-	0
Jardim São Pedro	2979	2979	100,00	-	0
Lídia Queiroz	10040	10040	100,00	-	0
Livramento	10520	10520	100,00	-	0
Mangueira	2475	2475	100,00	-	0
Maranhão	1332	1332	100,00	-	0
Matriz	6954	6954	100,00	-	0
Maués	8831	8831	100,00	-	0
Natuba	896	896	100,00	-	0
Nossa Senhora do Amparo	3243	3243	100,00	-	0
Redenção	3828	3828	100,00	-	0
Santana	2903	2903	100,00	-	0
Sem especificação	19540	1273	6,5	18267	93,5

IBGE / 2000

Tabela 08

Como é possível perceber a única área que o IBGE considerou como tendo residências rurais foi o distrito de Pirituba e áreas sem especificação de localização. Natuba, por ter uma vila de mesmo nome, próxima a sua área de plantação e que se encontra bastante urbanizada com: saneamento básico, eletricidade, água encanada, escolas, creches, casas adensadas e pequenos estabelecimentos comerciais, não tendo praticamente residências no local de cultivo, se encaixou adequadamente ao perfil oficial de urbano. Porém, é válido

lembrar que os moradores desse bairro não se sentem residindo numa área urbana, pois apontam a tranquilidade e a atividade agrícola como sendo pontos fundamentais para considerar uma área como sendo rural. Sobre o bairro de Galiléia – que compreende a toda a área do antigo Engenho Galiléia - apenas algumas dúvidas sobre a inexistência de residências rurais no bairro, pois, as casas não possuem saneamento básico, nem serviços como o de escola e saúde – apesar da existência de um posto de saúde no local, os moradores afirmam que não há médicos nem enfermeiros, tendo sido tal afirmação confirmada em visita ao local que é inclusive de difícil acesso. As residências são espaçadas e seus moradores residem no local da produção. Sendo ainda o acesso de a Galiléia sem asfaltamento e de difícil acesso para carros de passeio. Apesar disso a prefeitura disponibiliza três horários de ônibus que passa por todo o assentamento em direção à área urbana do município.

Quanto aos trabalhadores de Natuba, apesar de não terem sido expulsos de nenhum latifúndio, não fixaram as suas residências na área de cultivo devido ao reduzido tamanho dos lotes.

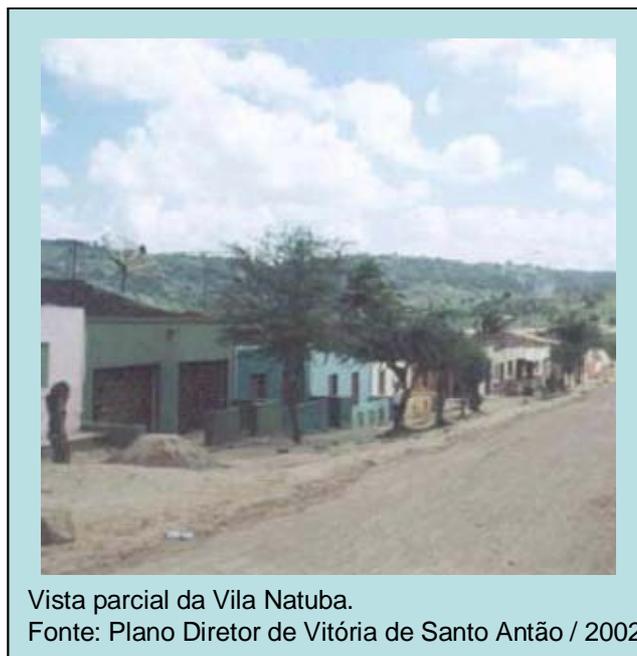


Engenhos Galiléia e o espaçamento entre as residências.  
Foto: Maria Rita Machado / dezembro de 2006.



Posto de saúde localizado no Engenho Galiléia. Localização de difícil acesso.  
Foto: Maria Rita Machado / dezembro de 2006.

#### Fotografias 08 e 09



Vista parcial da Vila Natuba.  
Fonte: Plano Diretor de Vitória de Santo Antão / 2002

Fotografia 10

Como nem o Plano Diretor, nem a Secretaria de Obras de Vitória de Santo Antão conceituaram o que é o rural e o que o urbano para município, este capítulo, tenta sanar a necessidade de caracterizar e apontar essas áreas a partir de manifestações sociais, econômicas, individuais e teóricas. Diante dessa dificuldade, a necessidade de identificar as especificidades de cada área, mensurar sua problemática, mas, sobretudo, buscar uma interpretação específica, que atenda as necessidades do município, mesmo sabendo que este possui diversas características que o coloca como um espaço muitas vezes considerado como híbrido, no tocante as questões rural e urbano.

## 4.1 A Conceituação Geográfica de Urbano e o Urbano em Vitória de Santo Antão

Parte dos estudos sobre a cidade tenta, de alguma forma, criar uma teoria embasada num sistema de lógicas urbanas na qual cada cidade se configura a partir de suas práticas sejam elas econômicas, sociais, culturais e / ou territoriais que de alguma forma vai dar ao espaço uma determinada configuração enquanto condição, meio e produto da reprodução da sociedade. Este sub-capítulo não tende a ser diferente. Ele tenta aprisionar e sistematizar as configurações do município de Vitória de Santo Antão e mostrar o seu urbano, quase híbrido, mas ainda com várias dessemelhanças do rural.

A princípio, analisando sobre uma ótica conceitual o que vai caracterizar o urbano para Milton Santos, *é o fato de suas atividades serem engendradas em relações complexas*<sup>36</sup>. Seguindo a mesma linha de pensamento BERNARDELLI comenta:

*“O caráter urbano amplia-se quanto maior o nível e a quantidade de atividades não agrícolas presentes, ou seja, a análise das atividades a que se dedicam os habitantes concorre para uma maior distinção do seu entorno, ainda que consideremos sua grande articulação.”*  
(BERNARDELLI, Maria Lúcia Falconi da Hora. Contribuições ao debate sobre o urbano e o rural. In: SPÓSITO, M. Encarnação Beltrão;

---

<sup>36</sup> SANTOS, Milton. *Urbanização do Espaço*.

WHITACKER, Arthur Magon. Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural.

Ratificando a idéia que aponta a divisão do trabalho como um dos fatores caracterizadores de uma área como rural ou urbana, de acordo com as complexas relações do lugar, Spósito comenta: *estruturalmente, a aldeia tem um nível de complexidade ainda elementar, uma vez que nela não há quase divisão de trabalho.*<sup>37</sup> É inclusive essa divisão de trabalho complexa uma das responsáveis pelo forte caráter hierárquico das sociedades urbanas.

Porém, oficialmente, - segundo o IBGE / 2000 - consideram-se as áreas urbanizadas aquelas *correspondentes às cidades (sedes municipais), às vilas (sedes distritais) ou às áreas urbanas isoladas*. Caracteriza-se por *construções, arruamentos, e intensa ocupação humana; as áreas afetadas por transformações decorrentes do desenvolvimento urbano e aquelas, reservadas a expansão urbana*. Houve, no entanto, neste ano de 2000 a inclusão de três categorias de áreas urbanas pelo IBGE, a de áreas urbanas *urbanizadas, não-urbanizadas e urbanas-isoladas*. Segundo Veiga<sup>38</sup> essas três categorias acrescentadas ao conceito inicial de urbano, só veio a ratificar a conceituação de que toda área urbana é a sede de município.

Essa classificação de urbano segundo o IBGE é falha, uma vez que é possível que uma sede municipal e suas vilas possuam características rurais e

---

<sup>37</sup> SPÓSITO, Maria Encarnação B. *Capitalismo e Urbanização*.

<sup>38</sup> VEIGA, José Eli. *Cidades Imaginárias*.

seus habitantes vivenciem em boa parte atividades agrícolas. Esta classificação não leva em consideração pontos indispensáveis para a compreensão real do rural e do urbano, que são: os modos de vida e as atividades mais relevantes realizadas em cada lugar.

Como segundo ponto de vista, Marx e Engels consideram que *a cidade é de fato o local da concentração da população, dos instrumentos de produção do capital, dos prazeres e das necessidades*<sup>39</sup>, num período histórico diferente, mas completando este pensamento, Lefebvre, aponta como os elementos mais conhecidos do sistema urbano *a água, a eletricidade, o gás (butano nos campos) que não deixam de se fazer acompanhar pelo carro, pela televisão, pelos utensílios de plástico, pelo mobiliário “moderno”...*<sup>40</sup>, esses elementos não encontrados, segundo este autor, no meio rural, considerado como um ambiente sinônimo de atraso. Essa relação campo e atraso ainda perdura nos dias de hoje no imaginário de boa parte da população urbana, porém é possível encontrar na maioria das áreas rurais do país e em todas as casas rurais de Vitória de Santo Antão, todos esses utensílios citados por Lefebvre.

O espaço geográfico considerado como um *locus* da reprodução das relações sociais de produção<sup>41</sup> e da reprodução da sociedade, também é por consequência o reflexo de sua sociedade, materializado através das suas produções. Não possuindo as diferentes sociedades as mesmas características

---

<sup>39</sup> MARX e ENGELS. *A Ideologia Alemã: Feuerbach – A Contraposição entre as Cosmologias Materialista e Idealista*

<sup>40</sup> LEFEBVRE, Henry. *O direito a cidade*.

<sup>41</sup> CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. *Geografia: Conceitos e Temas*.

materiais elas se diferenciam entre si, apresentando paisagens de fisionomias diferentes, mesmo no tocante aos espaços urbanos que tendem a uma certa homogeneização. A urbanização do Brasil como um todo resulta das formas tomadas pelo desenvolvimento do capitalismo, que se traduz na articulação das relações econômicas, sociais e políticas existentes<sup>42</sup>. Essas relações deixam na paisagem elementos físicos construídos decorrentes das atividades humanas, são o que Milton Santos chama de Rugosidades, que são formas espaciais herdadas do passado e cristalizada no espaço.

*“O espaço portanto é um testemunho; ele testemunha um momento de um modo de produção pela memória do espaço construído, das coisas fixadas na paisagem criada” (SANTOS, Milton. Por uma geografia nova.)*

O espaço urbano de Vitória de Santo Antão, é igualmente um produto do processo histórico e das ações de sua sociedade. É ainda possível encontrar vários elementos de rugosidade na sua paisagem e ainda a influência da sua área de produção agrícola - base inicial da formação da cidade. Essa influência é feita através de determinados atores sociais que apesar de realizarem a atividade agrícola já incorporaram a sua mentalidade ideologias e modos de vida urbana. Ou seja, o homem do campo foi convertendo-se cada vez mais em um empresário, manejando uma organização de caráter econômico,

---

<sup>42</sup> SPÓSITO, Maria Encarnação B. *Capitalismo e urbanização*.

através da qual deve obter um rendimento<sup>43</sup>. Aquela paixão pela terra a qual os camponeses são lembrados, foi sendo deixada de lado. Hoje, os trabalhadores agrícolas em Vitória deixam a sua paixão pela atividade e tornam-se verdadeiros administradores de um lote de produção agrícola, assimilando valores capitalistas típicos de áreas urbanas.

Como maior expoente de paisagem urbanizada do município de Vitória, temos a Avenida Mariana Amália. Nela tanto os trabalhadores das produções agrícolas como os trabalhadores dos setores terciários e secundários do município realizam parte de suas práticas cotidianas, pois é neste local que se concentra a maior parte dos equipamentos de serviço como: Bancos (totalizando 5), correios(1), lavanderia, jogo do bicho, revelação de fotos, lojas de eletrodoméstico, etc..

Esta avenida apresenta os mesmos problemas das principais avenidas prestadoras de serviços e comércio de cidades como Recife (população 100% urbanizada. Fonte: CONDEPE / 2000) e Jaboaão dos Guararapes. Ou seja, tem um fluxo intenso de pessoas e veículos, somando ainda o comércio de ambulantes – distribuído desordenadamente. O trânsito nos dias de semana é intenso, e a poluição sonora e visual são elementos latentes. Como é possível identificar nas fotos tiradas da avenida - na próxima página.

---

<sup>43</sup> SOLARI, Aldo. O Objeto da Sociologia Rural. In: SZMRECSÁNTI, Tamás; QUEDA, Oriowaldo. (Org.) *Vida Rural e Mudança Social*.



Trânsito e poluição visual na Avenida Mariana Amália.  
Foto: Maria Rita Machado. Maio / 2006.



A Calçada da mesma avenida com camelôs dificultando a passagem dos pedestres.  
Foto: Maria Rita Machado. Maio / 2006.

Fotografia 11 e 12

Complementando as imagens e sobre as características latentes de uma cidade, CARLOS comenta:

*“a cidade aparece aos nossos olhos – no plano do imediato, do diretamente perceptível, como concreto diretamente visível e percebido, formas, caos. A cidade que parece distante, aparece num emaranhado difícil de ser apreendido, quase impossível de ser capturado”* (CARLOS, Ana Fani A. A cidade).

Apesar de não ser uma cidade com a população, intensidade de atividades e outros elementos semelhantes a de uma cidade grande, Vitória tem, em vários momentos do seu cotidiano, um elemento básico que caracteriza as grandes cidades e vem agora caracterizando também, várias cidades de menor porte, o *caos*.

Moldado durante boa parte da sua história ao gosto e vontade da topografia, Vitória apresenta-se com ruas, avenidas e calçadas em maioria sem um traçado uniforme e de compreensão confusa aos visitantes, sendo possível encontrar também diferenciações sociais entre os bairros devido, principalmente a questão topográfica. Os bairros como o de Cajueiro, Lídia Queiroz e Iraque são os mais pobres e situados nas áreas periféricas e de maior declividade. Os bairros mais centrais como Cuscuz, Matriz e Alto da Bela Vista, são tidos pela população local como os bairros mais nobres, pois seus lotes são mais valorizados e localizados em terrenos menos declivosos.

Apesar do crescente processo de ocupação do município, ele ainda é eminentemente horizontal no tocante às construções de imóveis. As construções residenciais verticais – prédios - existentes no município são recentes, em pequena quantidade e em geral não ultrapassam três pavimentos.



Topografia acidentada dificultando a homogeneidade da ocupação.  
Nos locais de topografia mais acidentada, população mais pobre.  
Fonte: Plano Diretor de Vitória de Santo Antão.

### Fotografia 13

A maioria dos bairros de Vitória de Santo Antão atende às exigências colocadas pelos estudiosos como Milton Santos, Lefebvre, Spósito, Marx e Engels – sendo o bairro do Livramento e Matriz os que comportam a maioria dos equipamentos urbanos do setor secundário e terciário. É possível encontrar em Vitória uma grande complexidade de atividades e

consequentemente uma divisão de trabalho bastante hierarquizada, formando uma organização social complexa e se encaixando em parte dos parâmetros trabalhados como urbano pelos autores. Essa diversidade das atividades foi vista no final do capítulo dois, na tabela 06, sobre os Empregados e Estabelecimentos por Setor de Atividade, onde mostra que 17,3% da população está empregada na indústria de transformação; 26,2% no comércio; 13,7% no setor de serviços e 17,9% na administração pública. Devendo-se ser feita uma ressalva no setor de transformação de veículos, pois o município é responsável por boa parte das transformações ocorridas na extensão dos veículos da marca Toyota que faz o transporte alternativo entre o Recife e vários municípios da Zona da Mata Pernambucana e a transformação de caminhões e carretas em trio-elétrico.

Em entrevista a alguns transeuntes e aos agricultores questioneei o que é o urbano para eles. Segue abaixo algumas respostas de comerciantes e transeuntes da Avenida Mariana Amália:

*“o urbano é isso minha filha, muita movimentação comércio, carro...”*

*“é a cidade, né? Acho que não tem nada demais não, só movimentação que no campo num tem”*

*“aqui em Vitória não é muito cidade não, cidade mesmo é lá em Recife, muito corre-corre, assalto, movimentação, cinema, loja boa, aqui não tem nada disso, tem só o básico e olhe lá...”*

*“é tudo, tudo tem que ter na cidade... tudo é: carro, gente, movimento, poluição, barulho, sujo...”*

Já para os moradores de Natuba e Galiléia foram encontradas as seguintes respostas:

*“o urbano que você fala é lá na rua ou lá na cidade? O da rua é onde agente compra as nossas coisas e a cidade é onde agente vai para o médico. É lá na cidade é que vai nossas mercadorias.”(Galiléia).*

*“Vixe fia, pois o urbano é muito diferente viu... é um barulho, uma inquietação danada, prefiro ficar aqui mesmo, vou para lá só quando preciso ir pro médico e olhe lá” (Natuba).*

Como foi possível perceber nas declarações acima a associação entre urbano e cidade é uma constante nos depoimentos. É possível perceber também, a dependência da classe média de Vitória em relação a Recife, não só no tocante ao lazer, mas também em relação à educação. Devido a tal fato

a prefeitura disponibiliza aos estudantes cinco viagens diárias de ônibus de Vitória ao Recife - mediante a comprovação do estudo.

Faz-se necessário esclarecer sobre uma das citações acima que para os moradores da área rural de Vitória de Santo Antão *rua* é a área urbana do município e *cidade* é a cidade do Recife.

E por fim, é necessário salientar que apesar de atender a parte das exigências colocadas por esses autores comentados e citados, Santo Antão não tem o grau de complexidade, de fluxos e de intensidade das dinâmicas das grandes cidades como Recife, Olinda e Caruaru. As dinâmicas do município são mais comedidas em todos os aspectos, mais ainda assim, enquadra parte do seu território como área urbana.

## 4.2 O Rural em Vitória de Santo Antão

O espaço rural tem passado recentemente por um conjunto de mudanças com significativo impacto sobre suas funções e conteúdo social<sup>44</sup>, porém, um dos traços fundamentais para caracterizar um local como rural está essencialmente ligada à atividade principal realizada pelos trabalhadores e pela pouca divisão e complexidade do trabalho. Segundo alguns critérios, o meio

---

<sup>44</sup> MARQUES, M. I. M. .O conceito de espaço rural em questão. *Revista Terra Livre*. São Paulo, v. 18, n. 19, p. 95-112, 2002.

rural vincula-se às atividades primárias, principalmente agropecuárias.<sup>45</sup> Os produtores do meio rural se destinam fundamentalmente em produzir produtos primários – cultivo de plantas e criação de animais principalmente - e vendê-los quase sempre *In Natura*, não havendo uma preocupação em transformá-los a partir de um processo industrial, e mesmo quando há esse processo, ele se apresenta como acessório e não como sendo o elemento principal da produção.

No entanto, atualmente, vem ocorrendo um processo agregatório das atividades econômicas no meio rural. Atividades antes tipicamente urbanas como, turismo, comércio e serviços, vêm se desenvolvendo nesta área. Esses fatores, além de uma série de outros tem diversificado a paisagem do meio rural. Para ENDLICH:

*“Um conjunto de atividades diferentes das tradicionais passou a ser desenvolvido no campo. Essas atividades caracterizam-se pela incorporação de novos produtos agropecuários, industriais, prestação de serviços e atividades de entretenimento, caracterizadas pela busca por espaços bucólicos e / ou marcados pela tradição cultural, nos momentos de ócio.”* (ENDLICH. Ângela Maria. Perspectivas sobre o urbano e o rural. In: SPÓSITO, M. Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon. Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural.).

---

<sup>45</sup> ENDLICH. Ângela Maria. Perspectivas sobre o urbano e o rural. In: SPÓSITO, M. Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon. *Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural*.

Apesar das agregações das atividades, estas tendem quase sempre a valorizar as características gerais do local. Apesar disto, como resultado desse novo panorama surgiu uma série de divergências sobre a definição de rural. No entanto, uma característica marcante em áreas rurais é a existência de poucas classes sociais, ou seja, a disparidade social existente é basicamente a que existe entre os trabalhadores braçais do campo e os proprietários latifundiários, fazendo-se necessário lembrar que esses em geral, residem nos grandes centros urbanos<sup>46</sup>. Como as atividades não são muito diversificadas e o padrão salarial é semelhante, em geral, a massa de trabalhadores agrícolas possui um padrão de vida aproximado, porém ainda muito distante do ideal.

A caracterização de rural segundo o IBGE segue, assim como o urbano, numa linha falha e imprecisa dizendo que um *aglomerado rural é a localidade situada em área legalmente definida rural caracterizada por um conjunto de edificações permanentes e adjacentes, formando área continuamente construída, com arruamentos reconhecíveis ou dispostos ao longo de uma via de comunicação*. É possível perceber que nesta definição não é feita nenhuma referência às funções peculiares entre os diferentes aglomerados, sendo este ponto um fator fundamental na diferenciação entre o espaço rural e o espaço urbano. Nesta classificação o espaço rural é apenas aquilo que não é espaço urbano, sendo definido a partir de carências e não a partir de suas próprias características.<sup>47</sup>

---

<sup>46</sup> SOLARI, Aldo. O Objeto da Sociologia Rural. In: SZMRECSÁNTI, Tamás; QUEDA, Oriowaldo. (Org.) *Vida Rural e Mudança Social*.

<sup>47</sup> MARQUES, M. I. M. .O conceito de espaço rural em questão. *Revista Terra Livre*. São Paulo, v. 18, n. 19, p. 95-112, 2002

Marx e Engels, por exemplo, consideravam, no século XIX, que o rural é exatamente o fato oposto da cidade, - que já foi citado no tópico anterior - isto é, a dispersão e o isolamento<sup>48</sup>. Hoje, não podemos considerar o isolamento e a dispersão como principais características do rural, pois há um fluxo intenso entre os centros urbanos e a maioria das áreas rurais no Brasil, além dos meios de comunicação já difundidos nestas localidades – televisão, telefone e mesmo a internet. Porém, recentemente, a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico, considerou outro critério para considerar uma unidade de base rural. Para a OCDE toda unidade administrativa ou estatística elementar com densidade inferior a 150 hab./km<sup>2</sup> é rural. Esse critério apresenta variações enormes no cenário mundial. Se observarmos os limites entre a Escócia e a Grécia, por exemplo, teremos no primeiro um limite de 500 habitantes por quilômetro quadrado, enquanto na Grécia é de 1.000 habitantes<sup>49</sup>, para diferenciar uma área rural de urbana. O que nos leva a acreditar que cada sociedade tem uma forma específica de analisar e apontar o seu rural e o seu urbano.

Levando em consideração a baixa densidade demográfica comum nos espaços rurais<sup>50</sup>, podemos observar o fato dessas áreas sofrerem menos ações antrópicas do que as áreas urbanas, suas densas aglomerações e intensas transformações no seu quadro natural. Já no final da década de setenta, SOLARI apontava inclusive a migração com fixação de moradia de parte da população urbana para áreas rurais, onde se tem um maior apelo à

---

<sup>48</sup> MARX e ENGELS. *Ideologia Alemã. – A Contraposição entre as Cosmovisões Materialista e Idealista.*

<sup>49</sup> ABROMOVAY, Ricardo. *Do setor ao território: funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo.*

<sup>50</sup> Rural: origem etimológica do latim *rus* que significa “espaço aberto”.

natureza uma vez que o ambiente ainda não sofreu o forte processo de artificialização ocorrido nas grandes cidades. No livro *Cidades Imaginárias*, Veiga aponta sobre este mesmo assunto comentando que:

*“o espaço rural tende a ser cada vez mais valorizado por tudo o que ele opõe ao artificialismo das cidades: paisagens silvestres ou cultivadas, água limpa, ar puro e silêncio. O desenvolvimento leva a uma forte revalorização do ambiente natural, em vez de suprimir a diferença entre cidade e campo por obra e graça da organização conjunta da agricultura e da indústria”* (VEIGA, José Eli. Cidades Imaginárias).

Essa valorização da paisagem rural está sendo mais salientada atualmente devido a valorização do turismo rural e na busca por residências em locais com esse perfil de rural, mas que se localize relativamente próximo aos centros urbanos com é o caso de Aldeia, bairro do município de Camaragibe, na Região Metropolitana do Recife.

É, portanto no campo onde os homens e em especial seus habitantes tem uma relação mais estreita com a terra. É neste espaço que *o homem depende numa proporção muito maior que o homem da cidade, dos processos elementares da Natureza*<sup>51</sup>. Mesmo com o processo de industrialização da produção agrícola tendo avançado bastante nas últimas décadas, a agropecuária ainda tem um processo de forte dependência das condições

---

<sup>51</sup> SOLARI, Aldo. O Objeto da Sociologia Rural. In: SZMRECSÁNTI, Tamás; QUEDA, Oriowaldo. (Org.) *Vida Rural e Mudança Social*.

naturais, como a chuva, a estiagem e o tipo de solo. É nesse conjunto de relativa dependência que faz do rural um reflexo de uma vinculação mais intensa com o local.

Apontando como uma visão complementar de rural, é indispensável se levar em consideração o ponto de vista e a caracterização de rural para B. Kaiser<sup>52</sup>, que define o espaço rural como um modo particular de utilização do espaço e de vida social que apresenta as seguintes características: (a) uma densidade relativamente fraca de habitantes e de construções, dando origem a paisagens com preponderância de cobertura vegetal; (b) um uso econômico predominantemente agro-silvo-pastoril; (c) um modo de vida dos habitantes caracterizado pelo pertencimento a coletividades de tamanho limitado e por sua relação particular com o espaço e (d) uma identidade e uma representação específicas, fortemente relacionadas à cultura camponesa.

O item (d), devido ao maior fluxo das áreas urbanas com as rurais não é tão impreterível à sociedade rural atual, uma vez que muitos dos valores e ideais urbanos já permeiam alguns dos espaços rurais brasileiros. Porém, ainda segundo Kaiser, *o campo é hoje uma paisagem em primeiro lugar*, tornado o olhar mais importante que o fato econômico. A paisagem a qual ele se refere deve agregar todos os elementos dos itens traçados por ele e anteriormente citados.

---

<sup>52</sup> KAISER, Bernard. La renaissance rurale: sociologie des campagnes du monde occidental. In: MARQUES, M. I. M. .O conceito de espaço rural em questão. *Revista Terra Livre*. São Paulo, v. 18, n. 19, p. 95-112, 2002.

Da mesma forma que foi realizada um pergunta sobre o que é o urbano, também foram realizadas as mesmas perguntas sobre o que é o rural com os entrevistados. Como respostas dos transeuntes da Avenida Mariana Amália a esta pergunta encontramos:

*“É a área de plantação, tudo que é plantação de comer é coisa de rural”*

*“É lá em Galiléia, Pacas, Natuba...é... Natuba nem tanto, já tem é coisa lá,tem até um movimentozinho..”*

*“é onde tem pasto, plantação, são as granjas, mas hoje o rural não é mais o de antigamente não que num tem nada não. Tem tudo lá, só que é mais tranqüilo. Na minha época lá de plantação era mais difícil, num tinha luz, num tinha água encanada, erra horrível.”*

Já quando questionamos aos moradores das áreas que este trabalho considera como sendo rurais, Galiléia e Natuba, detivemos as seguintes respostas respectivamente:

*“Isso aqui é rural, é tranqüilo, num tem muito movimento, tem a agricultura e agente num tem patrão.”*

*“Na escola eu aprendi que são as áreas onde se tem plantação e se cria gado. Aqui em Natuba é rural, veja a tranqüilidade, isso também conta.”*

Nesse momento quando houve a pergunta sobre o que é rural, houve uma contraposição ao urbano, por parte dos entrevistados. O rural ficou como sendo uma área de pouco movimento e um lugar de cultivo e de pasto.

#### 4.3 A Relação Entre o Espaço Rural e o Urbano no Município de Vitória de Santo Antão

Do início da nossa história até os dias de hoje, a relação cidade-campo passou por profundas alterações ao longo do tempo. Ora se apresentando relativamente pacífica, ora mais conflitante, e em outros momentos bem articulada, mas cada Espaço teve as suas relações de formas diferentes e peculiares ao longo do tempo, assim como o Município de Vitória de Santo Antão.

A maior influência do urbano no rural, no entanto, se dá, especialmente, em função da voracidade e desejo do capitalismo em (re)produzir o seu capital e multiplicar os seus lucros, em todos os espaços, sejam eles habitados ou não, de forma direta ou indireta. E a maior influência do rural no urbano se dá através do escoamento da sua produção alimentícia.

Sendo a cidade o reduto e o reflexo Maior da imposição e da influência do Capital é natural que a sua ideologia, cultura, hábitos alimentares, de vestimenta, dentre outros quesitos se difundam sobre as demais áreas com uma maior intensidade. Mencionando sobre essa questão da interpenetração

das características originais dos lugares a partir do papel do capital, Henry Lefebvre comenta que:

*“...a cidade em expansão ataca o campo, corrói-o, dissolve-o. Não sem os efeitos paradoxais anteriormente observados. A vida urbana penetra na vida camponesa despojando-a de elementos tradicionais: artesanato, pequenos centros que definham em proveito dos centros urbanos (comerciantes e industriais, centros de decisão, etc.).”*  
(LEFEBVRE. O direito a cidade).

Essa corrosão citada por Lefebvre, não é tão extensa no município em questão, o que existe na verdade é uma interpenetração das culturas. Mais precisamente o que ocorre é um hibridismo das localidades. A área de produção primária, com a sua relevante importância econômica para o município adquire características típicas de áreas urbanas, os carros de boi são substituídos por veículos automotores, (especialmente motos, responsável pela segunda maior frota do município com 4.389 motocicletas, só perdendo para o automóvel com 6.487 unidades e sendo precedido pelos caminhões com 1.803 unidades e a caminhonete com 455 unidade, ficando o caminhão trator com apenas 71 unidades. Fonte: Ministério da Justiça, Departamento Nacional de Trânsito – DENATRAN - 2004) a luz de lampião é substituída pela elétrica, permitindo assim a utilização de meios de comunicação e de eletrodomésticos, típicos da zona urbana, mas que já estão assimilados ao cotidiano da Zona rural de Vitória de Santo Antão. Analisando um contexto semelhante, Rua em artigo para a revista da ANPEGE, comenta:

*“um rural que interage com o urbano, sem deixar de ser rural; transformando não extinguindo. A hibridez permanece evidenciada a “criação local” , isto é, a capacidade dos atores locais de, influenciados pelo externo, de escala mais ampla, desenvolveram leituras particulares dessa influência e produzem territorialidades particulares”* (RUA, João. A resignificação do rural e as relações cidade-campo: uma contribuição geográfica. Revista da ANPEGE).

Apesar de haver essa inter-relação entre esses lugares – rural e urbano – eles não assumiram as características de um espaço rurbanizado pregado pelo sociólogo Gilberto Freyre. A idéia de rurbanização pregada por ele é de que deve haver uma junção do moderno ao ecológico, numa forma de diminuição das desigualdades culturais, recreativas e econômicas, aproximando as características do rural com o urbano. Ainda dentro da idéia de rurbanização, Freyre diz:

*“Toques urbanos a colorirem víveres ecologicamente rurais. Portanto começos de rurbanizações em espaços não só fisicamente rurais como rurais através das principais adaptações, quer de senhores, quer de escravos, patriarcais, a uma civilização canavieira, no trópico brasileiro.”* (FREYRE.1982.).

Deveria haver, segundo as idéias de Freyre, uma homogeneização da paisagem, diminuindo as diferenças entre o urbano e o rural, recebendo o

urbano toques mais ecológicos que o aproximassem mais de uma paisagem bucólica.

Fazendo ,porém, uma análise rápida do atual panorama da agroindústria atual, é possível perceber em muitos casos que a própria paisagem das áreas agrícolas não se aproxima do ecológico, tendo inclusive áreas chamadas de desertos verdes, como o caso encontrado no Rio Grande do Sul, com a plantação de eucalipto. Este fato ainda são casos isolados, mas em expansão, são os casos de:

*“cidades que vivem em função do campo e que para mim, tem um novo papel na interpretação da história. Não são as antigas aldeias, porque nessas cidades os ritmos são técnicos, ligados a uma dada produção. E aí voltamos àquela história da parcela técnica e da parcela política da produção. A cidade do campo preside à parcela técnica, porque tem os agrônomos, a venda das sementes etc. Mas ao mesmo tempo é solicitado a produzir a relação campo com o mundo, já que é o mercado global” (SANTOS,2000.)*

No tocante a Vitória de Santo Antão a aproximação do rural com o núcleo urbano do município, se dá a priori pela necessidade de escoar a produção do setor primário – agricultura e pecuária – para o abastecimento da cidade do Recife, sua Região Metropolitana, parte dos Estados como Alagoas e Paraíba e mesmo para o abastecimento do próprio município. Além da necessidade empregatícia dos habitantes de ambas as localidades.

Ao descrever essa realidade, somando-se ao fato de mais de 80 % da população do município residir numa área denominada como urbana, pode-se pensar que a agricultura realizada em Vitória de Santo Antão é estabelecida sobre um forte aparato tecnológico, conseqüentemente absorvendo pouca mão-de-obra, mas contraditoriamente não é isso que ocorre. O modo de produção utilizado na policultura do município, ainda absorve uma quantidade significativa de trabalhadores, uma vez que os modos de produção utilizados não são suficientemente avançados para expropriar grande parte dos trabalhadores da sua pequena propriedade.

A não tão nova noção de proximidade entre as diferentes localidades fez surgir em escala mundial também algumas uniformizações, especialmente no tocante a cultura e economia. O primeiro elemento foi disseminado rapidamente no sentido da penetração dos países desenvolvidos para os subdesenvolvidos. Essa penetração, no entanto, não significou uma extinção das culturas e hábitos locais, mas sim, um acréscimo ou uma nova análise dos modos de vida. Sendo possível encontrar hoje um movimento de maior valorização das culturas e especificidades das localidades.

No caso do município de Vitória de Santo Antão a sua especificidade está exatamente nos fluxos e relações estabelecidas entre o *locus* urbano e rural, através dos seus atores sociais.

Da relação do urbano para o rural no município, podemos apontar primeiramente a busca por mercadorias nas pequenas produções. Segundo, a busca pelo descanso nas chácaras e granjas no local e proximidades. E excedendo a área de Natuba e Galiléia, temos ainda um projeto recente, mas já em andamento de turismo rural por parte do Governo do Estado. Neste roteiro são feitas visitas a alguns engenhos e ao Monte das Tabocas, pouco visitado pelos turistas do estado, mas roteiro bastante conhecido por turistas internacionais, como foi possível constatar através da ata de visitantes do local.



Fotografia 14

Do fluxo rural para o urbano apontamos como os principais motivos a busca por escolas mais qualificadas ou a busca pelas escolas, por médicos, a compra da complementação alimentar, lazer, dentre várias outras motivações.

As relações e fluxos existentes em Vitória de Santo Antão não se dão apenas entre o rural e o urbano do município, elas extrapolam e chegam a manter relações intensa com a capital Pernambucana, Recife. Há inclusive um apoio da prefeitura, fornecendo transporte gratuito para os estudantes e alguns trabalhadores que residem em Vitória e trabalham em Recife e vice-versa.

O deslocamento dentro do próprio município foi tido pela maioria dos entrevistados como satisfatória e não se resumindo apenas dentro do núcleo urbano. Os mais diversos pontos rurais do município – Pacas, Natuba, Galiléia, Pirituba e Figueiras – também são servidos por transportes coletivos, mesmo tendo algumas áreas um acesso difícil.

Além do transporte coletivo, parte dos proprietários dos pequenos lotes possui algum tipo de veículo automotivo, auxiliando nos fluxos e influências mútuas entre as diferentes localidades do município.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espero que este documento, fruto de um trabalho intenso de campo, bibliográfico e iconográfico venha a contribuir para a compreensão da atual configuração das relações entre as áreas urbanas e rurais no Brasil e da possível constituição de um espaço uno, estabelecido pelos fluxos, mesmo sabendo que esta dissertação apontou um contexto pontual, o do município de Vitória de Santo Antão.

Analisando estes fluxos existentes, foi necessário buscar a compreensão de como se encontra o rural e urbano no município, chegando-se a conclusão, no tocante ao primeiro, dele não aderir ao conceito de “novo rural” estabelecido por Graziano na sua obra *O Novo Rural Brasileiro*. Neste livro, o autor aponta quatro quesitos predominantes neste encadeamento que são:

“a) uma agropecuária moderna, baseada em *commodities* e intimamente ligada às agroindústrias, que vem sendo chamada de o *agrobusiness* brasileiro; b) um conjunto de atividades de subsistência que gira em torno da agricultura rudimentar e da criação de pequenos animais, que visa primordialmente manter relativa superpopulação no meio rural e um exército de trabalhadores rurais sem terra, sem emprego fixo, sem qualificação, os “sem-sem”(…) que foram excluídos pelo mesmo processo de modernização que gerou o nosso *agrobusiness*; c) um conjunto de atividades não-agrícolas, ligadas à moradia, ao lazer e a várias atividades industriais e de prestação de serviços; d) e um

conjunto de “novas” atividades agropecuárias, localizadas em nichos específicos de mercados.” (SILVA, José Graziano da. O Novo Rural Brasileiro).

Em Vitória, só é possível encontrar com relativa importância nas áreas rurais, apenas um dos itens citados, o que trata do conjunto de atividades não-agrícolas(c), dentre elas estão: o pesque e pague, pequenos estabelecimentos comerciais sem muita relevância econômica – tipo fiteiro – e chácaras e granjas de fins-de-semana.

No âmbito geral, o rural do município ainda está baseado em relações sociais e produtivas com fortes heranças da fase inicial da ocupação, a venda da produção, sofrendo remodelações de acordo com as necessidades de cada período histórico versando especialmente sobre as vestimentas, valores ideológicos e materiais. Aquela idéia de lentidão, contato com a natureza e tranqüilidade, até hoje tidas como elementos típicos de áreas rurais ainda permanecem no local.

A respeito da área urbana é possível afirmar que ela cresceu, a princípio, em função da produção agrícola, mas hoje segue em conjunto com o rural, porém, mantendo as linhas gerais dos ambientes urbanos no Brasil, sendo diferenciado apenas pela intensidade dos seus fixos (lugares de lazer, casas de negócios, escolas, centros de saúde, igrejas...) e fluxos (homens,

produtos, mercadorias, idéias...). Aliás, são esses os pontos que distinguem as cidades umas das outras<sup>53</sup>.

Apesar de o campo e a cidade terem uma divisão socioespacial do trabalho bem definidas e em contraposição, neste município estas localidades se complementam. O fator econômico existente nas pequenas produções se mostra como principal responsável por essa conjunção, uma vez que possibilita uma renda mensal superior a média da população do município e seus beneficiados buscam nos centros urbanos suprir parte das suas necessidades, como a alimentação, vestimenta, serviços diversos e o lazer.

A constatação e entendimento a interdependência existente entre essas localidades responsáveis pela formação de um Espaço único e indissociável nas questões política, econômica e social, aponta a necessidade de se alertar a administração pública do município para medidas de viabilizações também nas áreas das pequenas produções – a única medida pública observada nessas áreas é a viabilização de transporte coletivo para o centro urbano. Dentre medidas urgentes estão: assistência técnica, a viabilização de um crédito específico para esses produtores e medidas para implantação um preço mínimo pela produção. Apesar das medidas apontadas estarem apenas nas áreas das pequenas produções, estas trarão como provável resposta ao município de Santo Antônio, palco de um espaço único, solidário e associado de suas áreas urbanas e rurais, uma maior dinâmica econômica, diminuindo a pobreza e aumentando a geração de emprego no município, além de diminuir a

---

<sup>53</sup> SANTOS, MILTON. *O País Distorcido*.

evasão da sua população para as outras cidades – como Pombos - em busca de emprego com média salarial semelhante a possibilitada pelas pequenas produções no município.

E finalmente, no decorrer deste trabalho, foi possível concluir que o rural pode não ser um lugar à margem do planisfério social e econômico, como é o caso de Vitória, mas sim um lugar periférico apenas no sentido da distribuição espacial, porém, com um amplo leque de integração contribuindo para a formação do todo.

## BIBLIOGRAFIA

**Atlas Escolar de Pernambuco** / Coordenador Manuel Correia de Andrade. – João Pessoa, 2003.

ABRAMOVAY, Ricardo. “De volta para o futuro: mudanças recentes na agricultura familiar” – in **Seminário Nacional do Programa de Pesquisa em Agricultura Familiar da EMPRAPA** – Anais, Petrolina – Programa Sistemas de Produção na Agricultura.

\_\_\_\_\_. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo. Hucitec/Edunicamp/ANPOCS.

Anais do **XIX Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural**. Tema: NORDESTE E DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA: Desequilíbrios regionais; Tecnologia no Semi-árido; Programas Especiais.

ANDRADE, Manoel Correia. **Lutas Camponesas no Nordeste**. São Paulo: Ática, 1986.

\_\_\_\_\_. **O Brasil e a questão agrária**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2002.

\_\_\_\_\_. **Economia Pernambucana no Século XVI**. 2. ed. Recife, 1998.

\_\_\_\_\_. **A terra e o homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste.** 7.ed: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. **Lutas Camponesas no Nordeste.** 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.

ARAGÃO, José. **História da Vitória de Santo Antão.** CENTRO DE ESTUDOS DE HISTORIA MUNICIPAL. Recife: 1626 – 1843.Vol. 1.

\_\_\_\_\_. **História da Vitória de Santo Antão; da cidade da Vitória à da Vitória de Santo Antão (1843-1982).** Recife, FIAM / Centro de Estudos de História Municipal, Vol.2. 1983.

\_\_\_\_\_. **História da Vitória de Santo Antão.** CENTRO DE ESTUDOS DE HISTORIA MUNICIPAL. Recife: 1977-1983.Vol. 3.

BARROS, Maêlda de Lacerda. **Estruturação das unidades de paisagem do município de Vitória de Santo Antão.** Recife, 2002. 168 folhas Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Geografia.

BASTIDE, Roger. **Brasil, terra de contrastes.** São Paulo: 1959.

BRAGA, Ricardo Augusto Pessoa. **Gestão Ambiental da Bacia do rio Tapacurá - Plano de ação.** Recife: Ed.Universitária da UFPE – CTG, 2001.

CARLOS, Ana Fani A.. **A Cidade**. 6.ed. São Paulo, SP: Contexto, 2001.

\_\_\_\_\_. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.

\_\_\_\_\_. (ORG.). **Novos Caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 1999.

CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.) **Geografia: conceitos e temas**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CORRÊA, Roberto Lobato. **A rede urbana**. São Paulo: Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. **O espaço urbano**. 3. ed. -. São Paulo: Ática, 1995.

COSTA, F. A. Pereira da. **Anais Pernambucanos**. 8 vols. Arquivo Público Estadual, 1951-1966.

COSTA, Porto. 1951. **Povoamento e ocupação do interior pernambucano na fase colonial**. *Arquivos IV – X, 7 – 20: 241-256*.

COSTA, Luiz Flávio; MOREIRA, Roberto José. **Mundo rural tempo presente**. Ed. Muad, 1999.

DOLLFUS, Olivier. **O Espaço Geográfico**. 5 ed. Bertrand Brasil, 1991.

FREYRE, Gilberto. **Rurbanização: que é?**. Recife: Massangana: Fundação Joaquim Nabuco, 1982.

GAMA, Jose Bernardo Fernandes, 1809-1853. **Memórias históricas da província de Pernambuco**. Recife: Arquivo Público Estadual, 1977.

GUEVARA, Ernesto, 1928 – 1967. **Sem perder a ternura: pequeno livro de pensamentos de Che Guevara**. Organização, apresentação e tradução, Emir Sader. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2001.

GRAZIANO DA SILVA, José. A nova dinâmica da agricultura brasileira. Campinas: Unicamp-Instituto de Economia, 1996.

\_\_\_\_\_. **O cenário esperado: A Industrialização e a Urbanização da Agricultura Brasileira**. Comunicação ao Seminário Brasil Século XXI. Campinas, 1993.

\_\_\_\_\_. **O novo rural brasileiro**. FECAMP, 2000.

GUIMARÃES, Alberto Passos. **Quatro Séculos de Latifúndio**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

JULIÃO, Francisco. **Cambão**. Ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1963.

KAGEMA, A. (Coord.) **O novo padrão agrícola brasileiro: do complexo rural aos complexos agroindustriais**. Campinas, 1987.

LEFEBVRE, Henri. **O direito a cidade**. São Paulo: Documentos, 1969.

LOURETO, Dom Domingos. **Desagravos do Brasil e Glórias de Pernambuco**. Ed. Fac-similar. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1981.

MARQUES, M. I. M.. O conceito de espaço rural em questão. **Revista Terra Livre**, São Paulo, v. 18, n. 19, p. 95-112, 2002.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Ideologia Alemã: Feuerbach – A Contraposição entre as Cosmovisões Materialista e Idealista**. Ed. Martin Claret, 2004.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido comunista**. 6.ed.-. São Paulo: Global, 1987.

MELLO, José Antonio Gonsalves de,. **Três roteiros de penetração do território pernambucano (1738 e 1802)**. Recife: UFPE, 1966.

**Perfil Municipal**. (Versão 2001). Governo do Estado de Pernambuco /

Fundação de Desenvolvimento Municipal (FIDEM) / Centro de Informações Municipais (CIM) / Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Social (SEPLANDES).

PORTO, Jose da Costa. **Estatuto das vilas do Brasil colonial**. Recife: Comissão Executiva do Quarto Centenário de Goiana, 1970.

PRADO JÚNIOR, Caio. **A questão agrária**. Ed. Brasiliense.

\_\_\_\_\_. **Formação Econômica e Territorial do Brasil**. Ed. Brasiliense, 1996.

Programa de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável da Zona da Mata de Pernambuco/ PROMATA. **O Vale do Siriji** / Manuel Correia de Oliveira Andrade. Organização e Apresentação de Roberto Salomão do Amaral e Melo – Edição Facsímile. – Recife: PROMATA, 2004.

REDWOOD, John. **Relações rurais - urbanas e projetos de integração rural -urbana: notas preliminares**. MINTER; SUDENE; POLONORDESTE; OEA, 1982.

**Revista da ANPEGE**, ano 1, n. 1, Curitiba – PR, 2003 ano 2, n.2, Fortaleza-CE, 2005 – v. ilustr. Histórico.

**Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco.**

nº102.

**Revista do Instituto Histórico da Vitória de Santo Antão.** Volume 5.

SANTIAGO, Vandek. **Francisco Julião, as Ligas e o Golpe Militar de 64.**

Recife: COMUNIGRAF, 2004.

SANTOS, Milton. **A dinâmica territorial brasileira, hoje.** In.: IBGE. *Atlas Nacional do Brasil.* 3.ed. Rio de Janeiro, 2000.

\_\_\_\_\_. **Metamorfosis del espacio habitado.** Ed. Oikus Tau, 1996.

\_\_\_\_\_. **Urbanização Brasileira.** 4. ed. -. São Paulo: Hucitec, 1998.

\_\_\_\_\_. **Por uma geografia nova:** da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: EDUSP, 2002.

\_\_\_\_\_. **Espaço e Método.** São Paulo: Nobel, 1985.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.**

São Paulo: EDUSP, 2002.

\_\_\_\_\_. **O País Distorcido: o Brasil, a Globalização e a Cidadania.** São Paulo: Publifolha, 2002.

SILVA, Alzenir Severina da.; ANDRADE NETO, Joaquim Correia Xavier de; Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Filosofia e Ciências; Humanas. Departamento de Ciências Geográficas.. **Quando os "pequenos" resistem no espaço dos "grandes" criação e recriação da agricultura familiar em Pacas - Vitória de Santo Antão - PE** . Recife, 1997.

SILVA, Marlene M.. Urbanização do Campo: Implicações Teóricas e Metodológicas Para a Geografia Agrária. **Revista de Geografia**. UFPE/DCG-NAPA. Recife,2003.

SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana:** (análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife). São Paulo: Nacional, 1974.

SOUZA, Marcelo L. de. Desenvolvimento urbano: a problemática renovação de um "conceito"- problema. **Território, ano III, n º 5, jul/dez, 1988.**

SPÓSITO, Maria Encarnação B.. **Capitalismo e urbanização**. 13.ed. – São Paulo: Contexto, 2001.

\_\_\_\_\_. (Org.) **Urbanização e cidade: Perspectivas geográficas**. 2001.

SZMRECSANYI, Tamas.; QUEDA, Oriowaldo.(Org.) **Vida rural e mudança social:** leituras básicas de sociologia rural . 3.ed. -. São Paulo, 1979.

VEIGA, José Eli da. Cidades Imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula. 2.ed. – Campinas, SP.

WANDERLEY, M. N. B. O **“lugar” dos rurais: O meio rural no Brasil moderno**. In: XXI Encontro anual da ANPOCS, Caxambu, outubro de 1997.

WANDERLEY, M. N. B. . **Raízes Históricas do Campesinato Brasileiro**. In: João Carlos Tedesco. (Org.). Agricultura familiar: realidade e perspectivas.. 1 ed. Passo Fundo, RS: Universidade de Passo Fundo, 1999.

## **SITES CONSULTADOS**

MST – [www.mst.org.br](http://www.mst.org.br)

CPT – [www.cpt.com.br](http://www.cpt.com.br)

IBGE – [www.ibge.org.br](http://www.ibge.org.br)

INCRA – [www.incra.gov.br](http://www.incra.gov.br)

NEAD - [www.nead.org.br](http://www.nead.org.br)

FIDEM - [www.condepefidem.pe.gov.br](http://www.condepefidem.pe.gov.br)

ALEPE - [www.alepe.pe.gov.br](http://www.alepe.pe.gov.br)

PITÚ – [www.pitu.com.br](http://www.pitu.com.br)

FACOL - [www.facol.net/facol2006/historia.htm](http://www.facol.net/facol2006/historia.htm)

WIKEPEDIA - [pt.wikipedia.org/wiki/Vitória\\_de\\_Santo\\_Antão](http://pt.wikipedia.org/wiki/Vitória_de_Santo_Antão)

## **PERIÓDICOS CONSULTADOS**

Jornal do Comercio

Diário de Pernambuco

# **ANEXO**



Retrato da antiga paisagem de Vitória de Santo Antão.

Fonte: ARAGÃO, José. **História da Vitória de Santo Antão**. CENTRO DE ESTUDOS DE HISTORIA MUNICIPAL. Recife: 1626 – 1843.Vol. 1.



Paisagem da avenida Mariana Amália

Foto: Maria Rita Machado



O recém inaugurado prédio da prefeitura municipal de Vitória em 1970. Permanece o mesmo prédio ainda hoje  
Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Vitória de Santo Antão



Busto em homenagem a Diogo Braga, desbravador e fundador do povoado, hoje cidade de Vitória de Santo Antão.  
Fonte: ARAGÃO, José. **História da Vitória de Santo Antão**. CENTRO DE ESTUDOS DE HISTORIA MUNICIPAL. Recife: 1626 – 1843. Vol. 1.



Instalações do Engarrafamento Serra Grande S / A.  
Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Vitória de Santo Antão.



Primeira fábrica da Pitú  
Fonte: [www.pitu.com.br](http://www.pitu.com.br)



Instalações da fábrica da Pitú na década de 70.  
Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Vitória de Santo Antão.



As mesmas instalações atualmente.  
Foto: Maria Rita Machado.



Antigo prédio dos Currais. Era situado no lado sul da atual praça 3 de agosto.  
Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Vitória de Santo Antão.



Praça Duque de Caxias.  
Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Vitória de Santo Antão.



Sede da escola agrotécnica de Vitória de Santo Antão.  
Foto: Maria Rita Machado.



Dependências da Faculdade Osman Lins – FACOL.  
Fonte: [www.facol.net/facol2006/historia.htm](http://www.facol.net/facol2006/historia.htm)



Estabelecimento de compra e revenda dos produtos agrícolas das pequenas produções.  
Foto: Maria Rita Machado.



Carregamento de abóbora saindo do estabelecimento acima.  
Fonte: Maria Rita Machado.